

O avião Mitchell (B-25), bombardeiro médio, o primeiro a ser empregado no bombardeio de Tóquio e nos ataques contra os alemães. Na Europa e no Pacífico, numerosos aviões desse tipo, armados com um canhão de 75mm, e com 14 metralhadoras de calibre .50, fazem o ataque a vôo razante para destruir veículos blindados e instalações bélicas

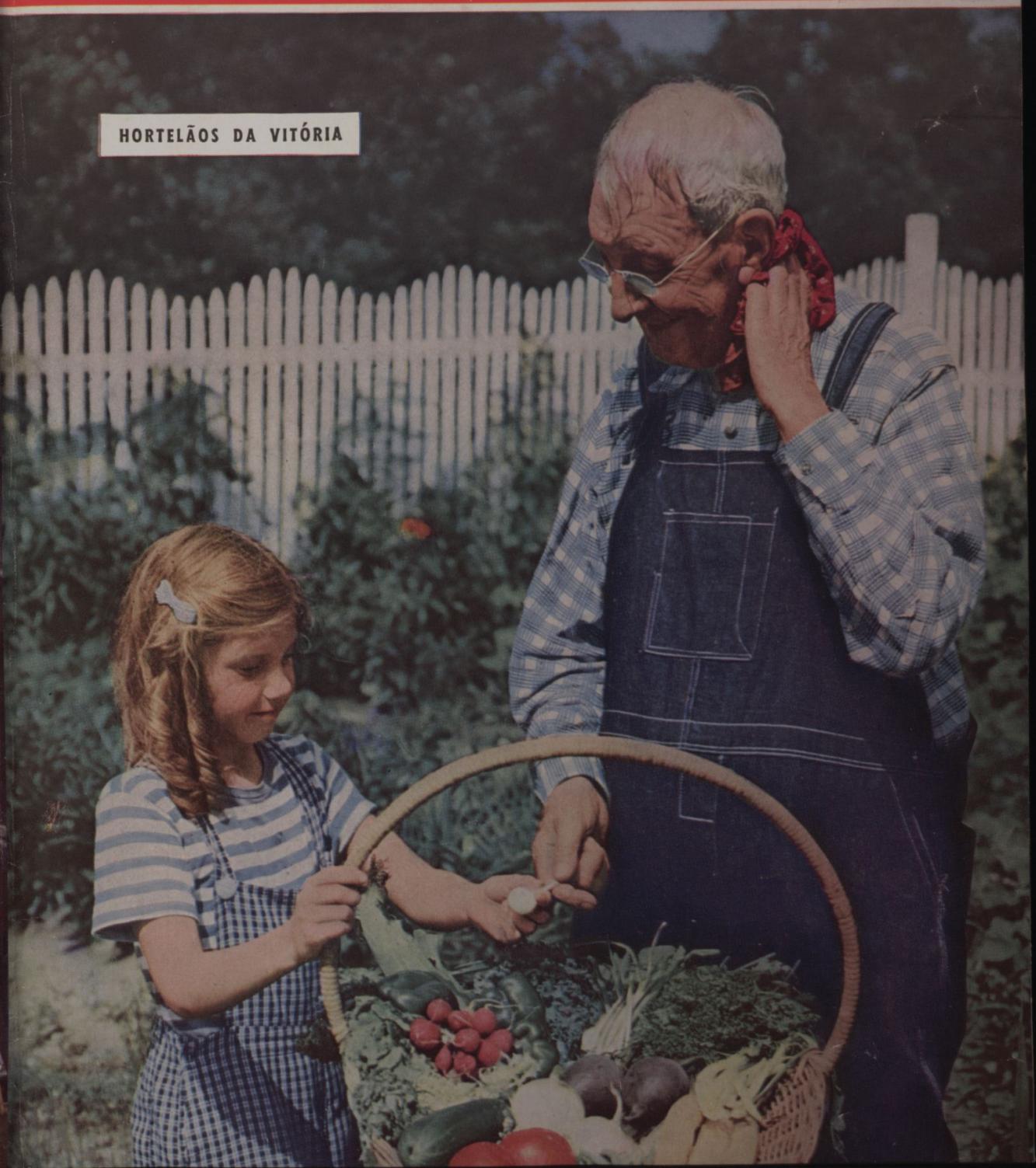
EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 2

HORTELÃOS DA VITÓRIA



A Nação Apoia a Obra do Presidente



SOLDADOS AMERICANOS VOTANDO NA ALEMANHA

O POVO dos Estados Unidos acaba de dar a maior demonstração de que enfrenta confiantemente o futuro, com uma renovada fé na solução dos vastos problemas que defrontam o Presidente Franklin D. Roosevelt no seu novo período presidencial, para o qual foi eleito, por grande maioria, no auge de tremenda guerra mundial.

A decisão do povo ao reeleger seu presidente serve principalmente para confirmar a sua confiança nos marcados esforços do Chefe da Nação para alcançar a vitória e contribuir valiosamente no estabelecimento de uma paz duradoura. O resultado da eleição também veio consolidar a pluralidade do partido do presidente em ambas as casas do Congresso, reafirmando assim a aprovação do eleitorado quanto à ação que o governo tem emprestado ao esforço de guerra conduzindo o país à vitória.

De não menor importância é igualmente a expressão decorrente da vontade nacional, levando, com renovado vigor às Nações Unidas, a prova de que o povo norte-americano está firmemente solidário com seu presidente, satisfeito com a continuação da sua política de cooperação internacional e especialmente da unificação das Américas, através da política da Boa Vizinhança.

Foi, portanto, a inquestionável confiança do povo na comprovada liderança do seu presidente, que o influenciou a pôr de parte tradições e precedentes, mantendo-o no cargo para atender às prementes tarefas que se aproximam.

Os quatro anos vindouros constituirão um grave período para o mundo inteiro, mas também encerram grandes promessas. Serão quatro anos que trarão a completa vitória para as Nações Unidas, a ansiosa libertação dos povos escravizados pelo Eixo e o estabelecimento das bases sólidas para uma paz duradoura.

Campanha histórica

O papel que cabe aos Estados Unidos na solução desses problemas de primacial importância dará aspecto de desusada solenidade à cerimônia da posse do Presidente Roosevelt, a 20 de janeiro, para exercer durante o quarto período presidencial a suprema magistratura da Nação. É um fato de tanta significação histórica como foi a campanha eleitoral do presidente e do seu oponente, o Governador Thomas E. Dewey, do Estado de Nova York, sendo essa a primeira campanha a realizar-se em tempo de guerra, desde a reeleição de Abraham Lincoln, em 1864, por ocasião da guerra civil que tanto dividiu a opinião pública.

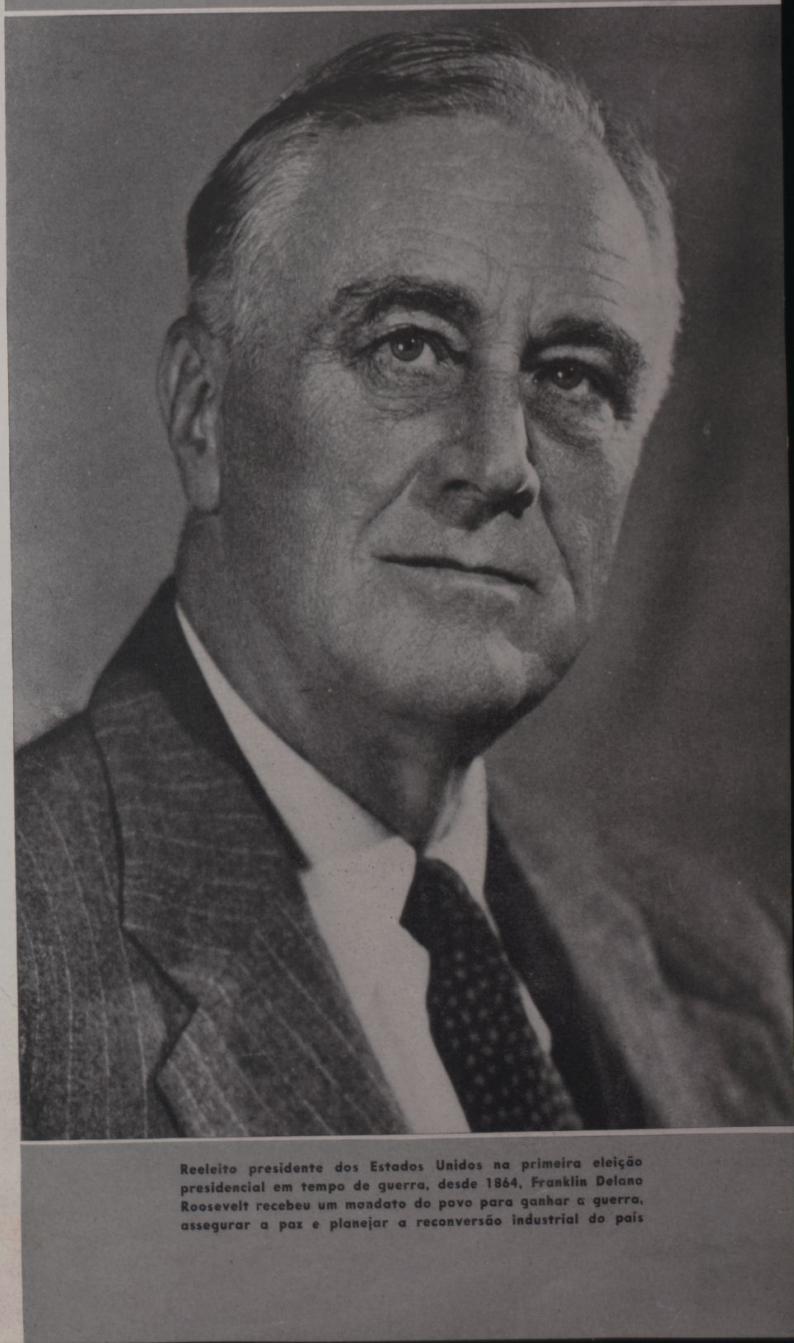
Em nenhuma outra campanha presidencial o povo dos Estados Unidos se mostrou tão profundamente convencido da importância do seu sufrágio como nesta de agora, que precedeu o dia da eleição — 7 de novembro. Na véspera desse dia, o Presidente dirigiu, pelo rádio, da sua casa de campo em Hyde Park, no Estado de Nova York, uma derradeira mensagem ao eleitorado. Na manhã seguinte, cincuenta e cinco milhões de eleitores iriam exercer o seu supremo direito de voto. E pela primeira vez na história da nação, grande número de homens e mulheres servindo nas forças armadas, estacionados no estrangeiro — na Alemanha, na Itália, nas ilhas do Pacífico e em pleno mar, iria se manifestar também pelo voto nessa memorável eleição.

O presidente, ao microfone, não apelou em causa própria, solicitando votos; antes concitou todos a exercerem o direito de votar nessa eleição em tempo de guerra, "enfrentando o futuro como um povo ativo e unido, unido tanto no país como

(Continua)

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR, OS ASSUNTOS INTEGRADORES, U.S. Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corp. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, E.U.A. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A. Classificada como impresso de segunda classe na Repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano IV, Número 2.

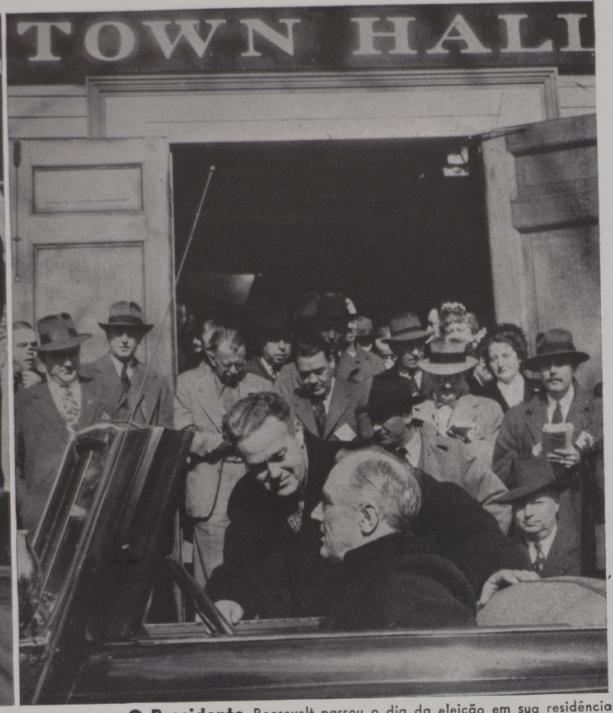
A REELEIÇÃO DO PRESIDENTE ROOSEVELT ASSEGURA A CONTINUAÇÃO DA SUA POLÍTICA EXTERIOR E A REALIZAÇÃO DO PROGRAMA PARA UMA PAZ PERMANENTE



Reeleito presidente dos Estados Unidos na primeira eleição presidencial em tempo de guerra, desde 1864, Franklin Delano Roosevelt recebeu um mandato do povo para ganhar a guerra, assegurar a paz e planejar a reconversão industrial do país



Assobrando com inúmeros encargos de tempo de guerra, o Presidente Roosevelt restringiu a sua campanha eleitoral às grandes cidades



O Presidente Roosevelt passou o dia da eleição em sua residência de Hyde Park. Aqui o vemos palestrando com um amigo, no "Town Hall"

Vista parcial da multidão de mais de 110.000 pessoas que se reuniram no "Soldier's Field", em Chicago, para ouvir o presidente na campanha eleitoral



nos campos de batalha." Referiu-se ainda aos incalculáveis horrores que a hecatombe de uma outra guerra traria para o mundo e afirmou confiante: "Desta vez devemos estar certos de que as nações pacíficas do mundo se reunirão para banir e prevenir a guerra."

Como presidente, o Sr. Roosevelt enfrentou doze anos de crise interna e externa e, finalmente, uma guerra mundial. Durante os dias mais negros da adversidade o presidente se manteve firme, dirigindo confiante os destinos da nação. Como comandante-em-chefe das forças armadas, em tempo de guerra, pôs a nação ao alcance da vitória total sobre seus inimigos. E como estadista, deu início à tarefa de reunir as nações pacíficas do mundo numa organização destinada a manter a paz permanente.

Mas o povo o conservaria no cargo afim de continuar a obra de dirigir a guerra até a vitória final e estabelecer a paz? Contra isto se opunha a tradição mantida pelos dois partidos políticos, segundo a qual se impõe a mudança periódica na administração pública, como medida salutar para a vida política da nação. Demais, o partido Republicano se batia pela mudança como fator essencial para revigorar o governo para as difíceis tarefas que o defrontava.

Milhões de pessoas, em numerosos países onde o Sr. Roosevelt já se tornou um símbolo de liberdade e de humanitarismo, aguardavam ansiosamente o resultado. Os combatentes norte-americanos nas frentes de batalha também demonstravam o mesmo interesse. O próprio Sr. Roosevelt tem quatro filhos que estão na guerra. Ele e sua esposa bem podem avaliar os sentimentos dos pais e mães cujos filhos estão nas frentes de combate.

O Sr. Roosevelt tinha relutado em continuar no cargo. Seu maior desejo era retirar-se ao sossego da vida privada, em sua casa de Hyde Park. Mas, tal como os próprios combatentes, ele reconhecia que a sua missão não estava terminada; e que, se a nação desejasse a sua permanência, ele não poderia se recusar nesta hora fatal.

Prova de confiança

Quando, no dia da eleição, o povo se manifestou, o resultado foi uma extraordinária aprovação da liderança do Sr. Roosevelt, através de um novo mandato para permanecer mais quatro anos, afim de terminar a guerra e participar no estabelecimento de uma paz duradoura.

Muito antes de serem conhecidos os últimos resultados da votação, já era aparente o desejo do eleitorado. E, como é de costume nos Estados Unidos, o candidato vencido foi dos primeiros a congratular o vencedor hipotecando-lhe a sua cooperação para uma bem sucedida administração.

"Apresento as mais sinceras congratulações e meus votos para uma rápida vitória e uma paz permanente," telegrafou o Governador Dewey ao Presidente Roosevelt.

O candidato republicano à vice-presidência também cumprimentou o Presidente Roosevelt, afirmando "fazer tudo que estivesse ao seu alcance para ajudar no esforço de guerra e engrandecer e fortalecer a pátria."

E a primeira vez que o eleitorado manteve no cargo um presidente para um quatriênio. Nenhum outro presidente serviu mais de dois períodos de quatro anos.

Os fundadores da República, ao estabelecerem as normas para a eleição de um presidente cada quatro anos, cuidadosamente evitaram, no texto da Constituição, qualquer limitação do número de períodos a serem exercidos por um presidente. E não se pode dizer que tal omissão, que data de mais de cento e cinquenta anos, fosse animada por qualquer interesse partidário. Aliás, já naquela ocasião, Alexander Hamilton, chefe do antigo partido Federalista, que depois de várias transformações ficou sendo o atual Partido Republicano, assim se expressou:

"Pondo de parte a questão da indispensabilidade do homem, é evidente que ao irromper uma guerra ou em face de crise nacional, a mudança do primeiro magistrado da nação, substituindo-o por outro homem de igual mérito, seria sempre prejudicial à comunidade, por isso que iria substituir a experiência pela inexperiência, interrompendo assim os elos da ligação administrativa." Mesmo quando a questão eleitoral ainda se debatia nos ardores da campanha,



Como comandante-em-chefe das forças armadas dos EUA, o Presidente Roosevelt visitou numerosas concentrações de tropas situadas em vários pontos

Sempre interessada em diversas atividades, a Sra. Roosevelt, esposa do presidente, tem visitado várias áreas de guerra, tanto no país como no exterior



pouco depois das convenções, os problemas da paz já estavam sendo discutidos na conferência de Dumbarton Oaks, em Washington. E até mesmo antes do dia da eleição, o Departamento de Estado estava preparando os planos para a realização da conferência de todas as Nações Unidas para tratarem das propostas de Dumbarton Oaks.

Dumbarton Oaks, pois, tornou-se o símbolo da unidade de vistas no vasto campo da política exterior alcançada em meio de uma eleição presidencial, unidade mantida com o maior critério, porque o candidato do Partido Republicano e seus consultores em matéria de assuntos internacionais foram constantemente informados, pelo Secretário de Estado Cordell Hull, de todos os passos tomados durante as discussões. E o Governador Dewey incorporou no seu programa de governo apresentado ao eleitorado a realização de uma organização consagrada à paz firmada em linhas gerais idênticas.

A obra futura

Para o Sr. Roosevelt, os quatro anos vindouros continuarão a ser de incansável atenção aos problemas de maior magnitude tanto para o povo norte-americano como para os demais povos do mundo. Felizmente, o presidente tem a vantagem de ter estado no exercício do seu elevado cargo desde que tais problemas tomaram forma, devendo-se, em muitos respeitos, à sua ação pessoal, o que as Nações Unidas já alcançaram.

Além de corporificarem solidamente a coligação de guerra dos aliados e assentarem em suas bases gerais, em Dumbarton Oaks, uma organização precipuamente dedicada à manutenção da paz universal, os bons efeitos da ação conjunta das Nações Unidas já têm se evidenciado de várias maneiras na busca da solução de certos problemas de após-guerra. Basta citar, nesse sentido, as conferências sobre assuntos vitais, a estabilização monetária, o abastecimento de alimentos, o problema da aviação comercial, etc. Em toda essa vasta órbita de interesses recíprocos muito já se têm alcançado para uma solução satisfatória.

Poucos têm sido os períodos de tranquilidade para o Presidente Roosevelt na Casa Branca. As caóticas consequências da última guerra, manifestadas em tremenda crise econômica de extensão mundial foram objeto de imediatas cogitações do seu governo, assim que tomou posse do cargo no seu primeiro quadriênio. Tanto o seu primeiro período presidencial como o segundo foram assinalados por frequentes e ardorosas controvérsias a propósito do seu programa de legislação econômica e social, da

recomendação para certas reorganizações administrativas e, finalmente, a segunda guerra mundial que irromperá violentamente na Europa.

Os Estados Unidos dedicaram-se então à gigantesca tarefa de se converter em "Arsenal da Democracia" e estender o auxílio dos empréstimos e arrendamentos às nações que reagiam contra o Eixo, ao mesmo tempo que os Bons Vizinhos do hemisfério ocidental intensificavam seus esforços de cooperação para preservar a unanimidade de propósito de todas as repúblicas americanas — e as Américas mantiveram-se lado a lado, numa solidariedade nunca antes observada, quando se verificou a traição de Pearl Harbor. A política da Bóia Vizinha enunciada pela primeira vez pelo Sr. Roosevelt em seu discurso de tomada de posse, em 1933, e tão fielmente cumprida pelo Presidente e pelo seu Secretário de Estado, continua a produzir os inestimáveis benefícios da assistência mútua. Mesmo antes de expirar o terceiro quadriênio do presidente, êsses benefícios haviam contribuído para que as forças dos Estados Unidos estivessem combatendo dentro de território alemão e tivessem voltado para recapturar as Ilhas Filipinas.

Durante os últimos anos, o Presidente Roosevelt tinha expressado a sua intenção de retirar-se a vida privada, ao fim do seu terceiro período presidencial, mas o curso dos acontecimentos determinou o contrário. Foi mais uma vez indicado pelo seu partido, na convenção de Chicago, em julho, juntamente com o Senador Harry S. Truman, da bancada do Estado de Missouri, como seu companheiro de chapa, para a vice-presidência.

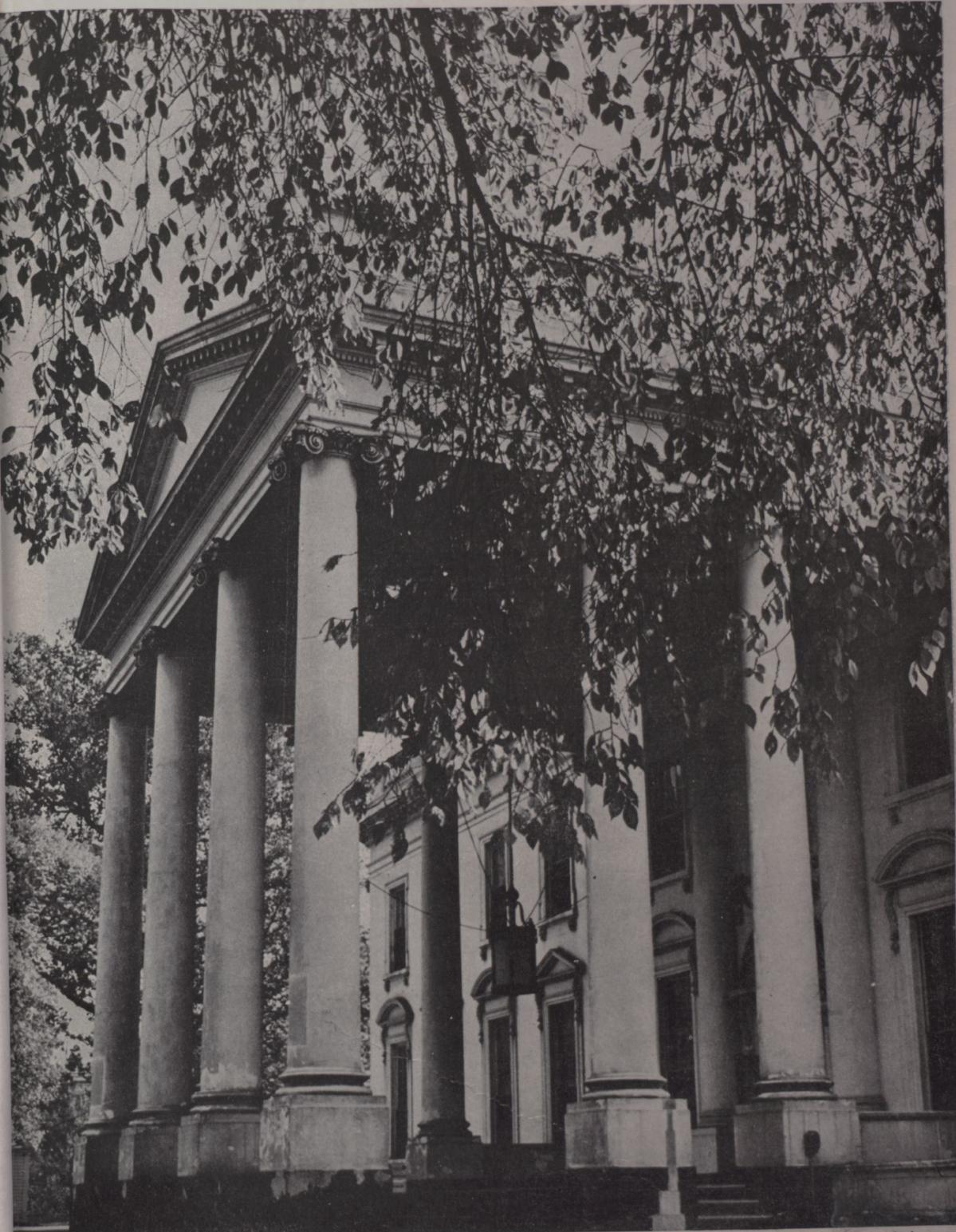
Uma posse memorável

Ao aceitar a indicação da sua candidatura pelo Partido Democrata, o Presidente Roosevelt aludiu a Lincoln como o maior presidente que os Estados Unidos já tiveram em tempo de guerra. E citou a seguinte passagem do discurso proferido por Lincoln por ocasião de sua posse no segundo quadriênio:

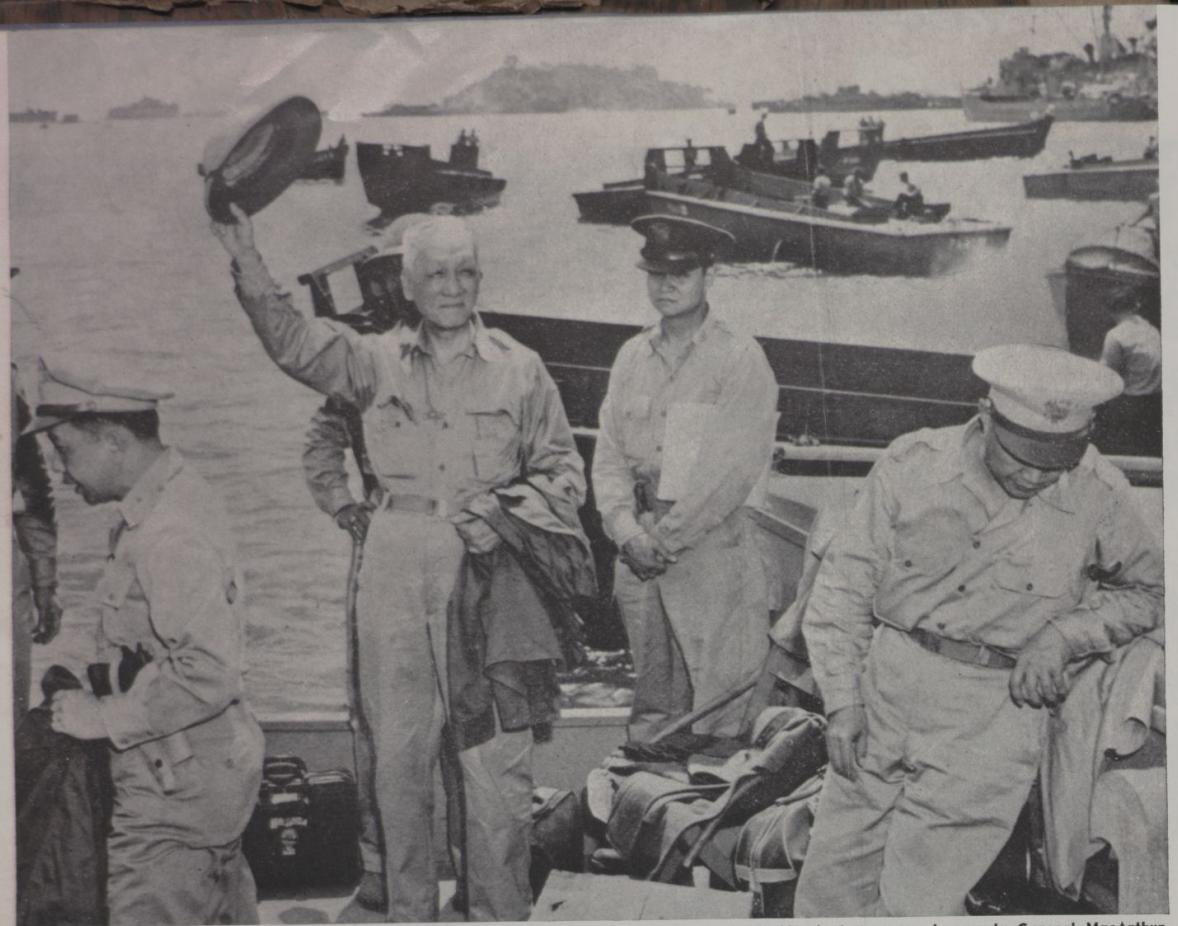
"Esforçemo-nos para terminar a obra empreendida, curando as feridas da patria, cuidando dos que combateram, de suas viúvas e seus órfãos, fazendo enfim tudo que estiver ao nosso alcance para desfrutarmos uma paz justa e duradoura, não somente entre nós, mas no concerto das nações."

O Sr. Truman será o terceiro vice-presidente a exercer o cargo com o Sr. Roosevelt. O primeiro foi J. N. Garner, durante os dois primeiros períodos, e o segundo, Henry A. Wallace, durante o terceiro quadriênio.

O Vice-Presidente eleito Harry S. Truman em companhia de sua filha Mary Margaret, e de sua esposa, na residência da família, na capital americana



A Casa Branca, na qual continuará o Presidente Roosevelt afim de servir o seu quarto período presidencial. O edifício só será repintado depois da guerra.



Começa a libertação das Filipinas. Seu presidente, Sergio Osmeña, retorna à pátria em companhia de tropas americanas do General MacArthur

OS JAPONESES RECUAM CADA VEZ MAIS

AS ILHAS FILIPINAS CONVERTIDAS EM NOVA BASE PARA ATAQUES AÉREOS

A QUESTÃO da duração e do curso da guerra no Pacífico veio mais do que nunca constituir matéria de comentário e de discussão nos Estados Unidos em face dos sucessos dos exércitos aliados na Europa e do regresso do general Douglas MacArthur às Filipinas, de par com uma tremenda vitória naval sobre o Japão. É uma questão que concerne muitos milhões tanto de civis como de combatentes — os pais, as esposas, as famílias dos soldados que lutam no calor das selvas, em traiçoeiros bancos de coral, entre as cavernas fortificadas do inimigo em territórios roubados na área do Pacífico, ou batalhando no ar ou no mar.

Ninguém, naturalmente, pode saber definitivamente quando se verificará a completa vitória dos aliados sobre os japoneses. As autoridades militares nos Estados Unidos pouco animam as conjecturas a respeito de terminar a guerra brevemente. Algumas opiniões afirmam que "de um ano e meio a dois anos após a derrota da Alemanha é o tempo considerado como o absoluto mínimo," porque o Japão ainda dispõe de grandes recursos em homens, em abastecimentos de material bélico e, principalmente, porque as distâncias no Pacífico lhe favorecem.

Não obstante, essa vantagem japonesa está se reduzindo continuamente à



Cumpre-se um famoso juramento. Com o General Sutherland (à esq.), e o Pres. Osmeña (centro), o General MacArthur retorna às ilhas

medida que as fôrças dos EUA fecham o círculo das ilhas imperiais. E a volta às Filipinas das tropas americanas, em outubro último, é a indicação mais animadora, até agora, de que a guerra no Pacífico já chegou ao seu apogeu na "batalha das distâncias." De certo, é o acontecimento mais sensacional na campanha contra o imperialismo militar japonês; e, tanto em esforço humano como em ação militar, é o maior empreendimento até agora levado a efeito na guerra contra o Japão.

Porque a libertação das Filipinas parecia estar muito distante naquele dia de março de 1942, quando Corregidor, o último reduto das forças norte-americanas e filipinas no arquipélago, caiu em poder das armas japonesas.

Naquele dia sombrio, o ar estava cheio de aviões japoneses; navios da esquadra inimiga manobravam livremente, em grande número, ao longo da costa; tropas japonesas dominavam as ilhas, atacando, praticando a pilhagem e humilhando seus habitantes. E foram mais além, em seu avanço contra o sudeste da Ásia, contra as Índias Holandesas e através da Nova Guiné, das ilhas de Salomão e milhões de milhas quadradas no Pacífico central e setentrional, quasi na Austrália. Para todos os filipinos que ousaram ouvir os rádios naquele dia de março, a

(Continua)



O objetivo é as Filipinas para esta grande armada invasora prestes a largar de um porto no Pacífico, com rumo ao arquipélago dominado pelos nipões

O Gen. MacArthur inspeciona suas tropas três horas após o desembarque em Leyte. O famoso comandante faz questão de dirigir pessoalmente o ataque





Os atiradores de tocáia nipões são um dos maiores problemas a eliminar na campanha. Não obstante, os americanos os vão liquidando, de galho em galho



Um soldado americano carrega uma criança filipina num gesto expressivo da afetão reinante entre americanos e filipinos. Em baixo: Tanques americanos avançam da praia para o interior

emissora instalada num dos profundos túneis da fortaleza de Corregidor, fez a última irradiação de uma série que havia começado quando o inimigo invadiu as ilhas. E terminou com uma nota profética:

"Levantar-nos-emos em nome da Liberdade e o Oriente ficará iluminado com a glória da nossa libertação. Até então, povo das Filipinas — não tendes receio!"

A voz da rendição

Durante mais de dois anos e meio, a "Voz da Liberdade," conforme se denominava a emissora, permaneceu silenciosa. De repente, de uma das praias da ilha de Leyte, no grupo central das Filipinas, ouviu-se a voz novamente, levando aos filipinos e a todos os povos do mundo a notícia de que se aproximava a hora da ansiada libertação:

"Aqui é a Voz da Liberdade," dizia. "Fala o general MacArthur."

E assim, um general americano que deixaria as Filipinas, a bordo de uma lancha, em 1942, para assumir o comando de todas as forças aliadas no Sudeste do Pacífico, cumpría a sua promessa de "Eu voltarei."

A libertação, para os filipinos, chega depois de um longo período de angústia e sofrimento. Para os Estados Unidos, o tempo decorrido foi de intensa preparação, de construção e de tremenda luta. Mas nas montanhas e na selva das ilhas, grupos de heróicos filipinos lutaram também contra os opressores japoneses. E a sua

luta não foi em vão. Colhem agora seus frutos. "Livraremos o povo escravizado," prometeu o Presidente Franklin D. Roosevelt, em mensagem congratulatória dirigida ao general MacArthur. "Restauraremos as terras roubadas e a riqueza espoliada aos seus legítimos donos. E estrangularemos para sempre o dragão negro do militarismo japonês."

Havia, no grupo que retornava às Filipinas, um notável ausente. Era o antigo presidente das Filipinas, Manuel Quezon, que falecera poucos meses antes de poder testemunhar a libertação de sua pátria. Mas ao seu sucessor, Sergio Osmeña, que estava ao lado do general MacArthur, o Presidente Roosevelt assegurou que a dignidade e a liberdade seria restaurada a um povo filipino independente e que "nós e os nossos irmãos de armas, filipinos, com a ajuda de Deus Todo Poderoso, expulsaremos o invasor; destruiremos o seu poder de fazer a guerra novamente, e restauraremos um mundo de dignidade e de liberdade — um mundo de confiança, de honestidade e de paz."

Já em solo pátrio, o Presidente Osmeña apelou para todos os filipinos para que se levantassem e lutassesem contra os japoneses logo que as forças da libertação se aproximassem das suas localidades.

"Não vimos apenas restaurar o governo das Filipinas," declarou o presidente numa proclamação dirigida aos seus compatriotas. "O Congresso dos Estados Unidos reconheceu a lealdade filipina para com a América, para com a nossa



Tanques anfíbios das forças americanas avançando pela ilha de Leyte. Atacam as posições do inimigo e abrem caminho para o avanço infantaria

própria pátria e para com a sagrada causa da liberdade humana. Nossa independência não esperar até 1946; ser-nos-á concedida logo que se verificar a completa expulsão dos brutais invasores japoneses. Aqui voltamos com a garantia da nossa independência o mais breve possível."

Mal tinham as tropas americanas firmado suas "cabeças de ponte" na ilha de Leyte, e ocupado os aeródromos locais, e já outras numerosas forças avançavam ao norte, para libertar a ilha de Samar. Foi então que ocorreu o grande encontro naval que a esquadra dos Estados Unidos tanto ansiava, há mais de um ano: o combate com o grosso da esquadra japonesa.

A batalha naval

As bases desse encontro foram cuidadosamente preparadas. Durante os meses anteriores, o bloqueio das forças navais e aéreas americanas contra o Japão tornava-se mais e mais intenso. As indústrias bélicas japonesas, assim como as reservas de petróleo do inimigo estavam sobre ataque quasi constante. Para Tóquio, a situação se agrava seriamente. E assim, foi, final a esquadra japonesa compelida a entrar em ação. Mas procurou valer-se de todas as vantagens possíveis, pois na ocasião, grande parte da força anfíbia dos EUU, estava desembarcando reforços e abastecimentos na ilha de Leyte. Os japoneses subestimaram o valor da esquadra americana. Mas o resultado foi descrito pelo general Douglas MacArthur como a "mais completa derrota da guerra" para a esquadra japonesa.

Mas essa operação em território continental asiático, levada a efeito simultaneamente com a campanha nas Filipinas e com a ação naval já em águas japonesas, trará para o Japão a certeza da impossibilidade de obstar a derrota.

Com o avanço dos americanos, recrudesceram o fogo das metralhadoras japonesas, e as árvores caídas tornaram-se o melhor abrigo para a infantaria



O barulho do formidável bombardeio aéreo e uma chuva de folhetos levaram às ilhas a notícia da sua libertação. Em baixo: Possante excavadeira americana prepara o terreno para a avançada

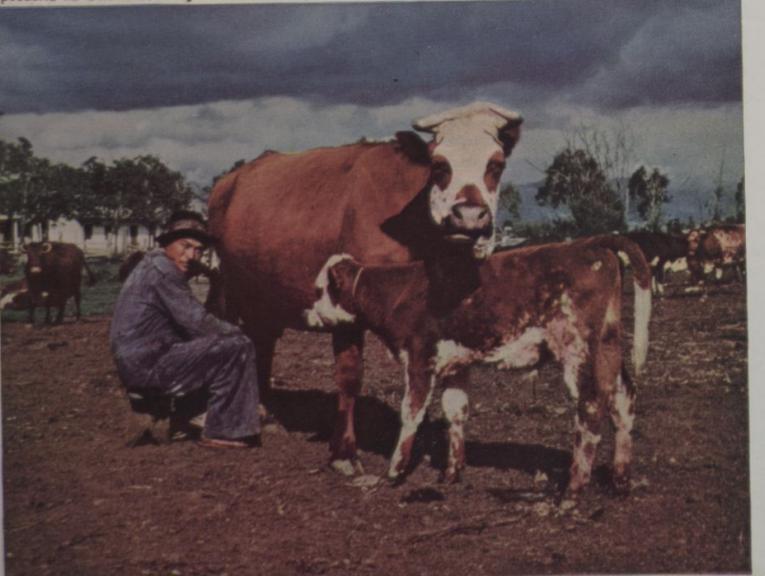




A Venezuela que, nos últimos anos importava grandes quantidades de produtos alimentícios, está agora desenvolvendo sua agricultura com auxílio da mecanização. A gravura mostra um campo de cultura perto de Caracas.

O Progresso da Agricultura nas Américas

A cuidadosa seleção de reprodutores e de outros métodos científicos está melhorando continuamente a pecuária na Colômbia. A agricultura nessa república americana tem se desenvolvido em todas as suas fases



AVANÇA PARA OBJETIVOS MAIS ELEVADOS, AJUDADA PELA CIÊNCIA

Ao contrário da situação predominante da monocultura, antes da guerra, em várias partes do hemisfério ocidental a tendência é agora para a diversificação da agricultura, iniciativa cujos resultados estão se tornando os mais assinalados. Nações que por longo tempo tinham concentrado suas atividades na cultura de um produto principal, café, açúcar, cacau ou bananas, começaram a se firmar em novos campos de exportação, estabelecendo, ao mesmo tempo, melhor equilíbrio na produção de gêneros alimentícios para o consumo interno.

De há muito tempo que governos e agricultores têm reconhecido os benefícios derivados da policultura, não apenas como elemento básico do equilíbrio econômico, mas outrossim indispensável aos interesses da saúde e nutrição públicas. Em vários países o crédito agrícola tem se estendido para a aquisição de terras por todos quantos intentam dedicar-se à sua cultura, nelas fixando residência. No México, por exemplo, tem se operado a divisão de grandes latifúndios em plantações de 25 a 40 hectares de terras, para a cultura de produtos essenciais. E na

Conferência do Rio de Janeiro, em 1942, o incentivo à lavoura em geral e à policultura em particular foi uma das resoluções que receberam a melhor atenção.

O Brasil aliás tem sido um dos líderes nesse movimento. De fama universal pelo seu café, a lavoura brasileira, não obstante, se ramifica em outras não menos importantes culturas, tais como a do cacau, que é a segunda em volume no mundo; a do algodão, que já se aproxima à escala da famosa rubiacea, no mercado de exportação; a do fumo, das frutas cítricas, dos cereais e tantas outras. Há ainda a intensiva produção de plantas medicinais e de fibras e a de cérulas, das quais a de carnaúba tem função indispensável na impermeabilização de numerosos artigos usados pelas forças combatentes das Nações Unidas. A industrialização das áreas urbanas está criando, no Brasil, um mercado estável para o consumo de alimentos.

O Peru, com um deserto ao longo de sua costa, numa extensão de centenas de quilômetros, conta unicamente com os vales irrigados para desenvolver a sua lavoura. Por isso, o governo apelou para os agricultores no sentido de dedicarem vinte por cento, pelo menos, de suas terras cultiváveis para as safras de consumo dentro do próprio país. Nas plantações de algodão e de açúcar, situadas na região central, perto de Lima, há agora a maior área possível para

(Continua)



No México a divisão dos grandes latifúndios e a cultura de novas áreas aumenta a número de agricultores, generalizando a produção agrária. Vemos na ilustração a preparação de forragem para a criação de gado.



Numa das estações experimentais no norte do Brasil, onde está se ativando a produção com os processos mais modernos, para atender às necessidades dos seringueiros e das tropas brasileiras e norte-americanas.



Na estação experimental de Santa Jecla, no Salvador. Tal como noutras repúblicas americanas, novas culturas estão sendo estudadas científicamente

o plantio de feijão e de cereais. As numerosas cooperativas peruanas receberam auxílio especial do governo para a produção de comestíveis de consumo nacional, recebendo igualmente mudas e sementes destinadas às pequenas culturas, através do serviço de cooperação agrícola estabelecido pela Divisão do Abastecimento de Comestíveis, do Instituto de Assuntos Interamericanos, e pelo governo do Perú.

De como se pode melhorar a produção do milho foi demonstrado na Venezuela, onde a broa de milho constitui um dos alimentos básicos na alimentação popular. Tipos de milho já de qualidade comprovada nos Estados Unidos, Cuba, República Dominicana e Colômbia, foram experimentados no solo venezuelano. Os melhores resultados foram obtidos com a variedade cubana, que passou então a ser adotada de preferência no país. Estima-se que o aumento na produção do milho, na Venezuela, será de cento por cento, e de excelente qualidade.

Em quasi todas as nações americanas há estações experimentais para a agricultura e para a pecuária. Adota-se já em grande escala o sistema de refrigeração e de desidratação para o máximo aproveitamento das safras. Por sua vez, trabalhos de irrigação estão em andamento no Equador, no Perú, no México e outros países. Muitos projetos de expansão agrícola deverão receber auxílio do recém-criado Instituto Interamericano de Ciências Agrárias, com sede em Turrialba, em Costa Rica, entidade que representa o esforço conjugado das repúblicas americanas para estimular o equilíbrio agrícola. Graças ao ponto em que a região de Turrialba está situada, onde, a poucos quilômetros, de um lado se encontram os alagados baixios do litoral, e, de outro, as encostas dos vulcões Turrialba e Irazu, as experiências necessárias podem ser feitas sob condições similares às que predominam em quasi qualquer parte do nosso hemisfério. Os efeitos combinados resultantes das pesquisas científicas, do pro-



No Equador, em cujo solo o barbasco era planta rara e está se tornando agora das mais comuns. Sua maior aplicação é como base de valioso inseticida

gresso educacional, dos projetos dos governos e das necessidades oriundas da guerra, têm causado grandes mudanças. A produção do arroz, por exemplo, aumentou consideravelmente, daí resultando que vários países, inclusive o Chile, que antes importavam esse produto, agora estão com um excesso exportável. Extraordinária tem sido igualmente a produção da quina, da fibra abacá, para a fabricação de cordoalha, de capins especiais para a fabricação de certos óleos, do feijão soja, do amendoim, de uvas e cebolas. Crescente tem sido também a exportação de mamona, de ipecacuanha e outros produtos de grande aplicação farmacêutica e industrial. Outro produto de vantajoso futuro no comércio interamericano é a rotenona, princípio ativo tóxico existente em diversos vegetais, principalmente nos timbós de grande poder inseticida. Seu uso já assume grandes proporções, na paz e na guerra, sendo um dos valiosos preservativos das safras. Extrae-se geralmente da raiz de certas plantas indígenas das Índias Orientais Holandesas, onde o maior rendimento verificado é de 2.200 quilos por hectare. As experiências realizadas neste continente, notadamente em Pôrto Rico e no Equador, prometem resultados muito mais compensadores do que os das Índias Holandesas, sendo já de três mil quilos por hectare.

Novos horizontes

O desenvolvimento de novas culturas, anteriormente tratadas em pequena escala, pode ser conseguido sem sacrifício das grandes produções do café, do milho, de bananas ou da cana de açúcar, e ainda sem reduzir a quantidade dos rebanhos. Na verdade, a produção de alimentos essenciais tem aumentado com o uso do maquinário agrícola e através de serviços especiais de crédito, de armazenagem e de distribuição nos mercados con-

sumidores. Além disso, a distribuição de mudas e de sementes e as maiores facilidades de transporte muito têm contribuído para o mesmo objetivo. A diversificação de culturas nas Américas requer mais do que a simples excelência das terras. Impõe-se o aprimoramento das variedades, a seleção constante e metódica de novos tipos, o estudo econômico das vantagens de cada caso em particular, de modo a garantir a inversão de capitais e manter os bons produtos nos mercados.

O pequeno lavrador que não conta senão com os seus próprios braços para trabalhar a terra, só pode produzir suficiente para sustentar sua família. Mas se tiver a ajuda de máquinas e se lhe derem mais terras, poderá então pensar em diversificação de culturas, em métodos agrícolas modernos, na criação de gado para obter carne e em produzir um excesso que lhe sirva para pagar os maquinismos que são, afinal, os fatores da sua própria prosperidade.

A necessidade de fabricar materiais de guerra tem restringido até certo ponto, nos países americanos, uma maior generalização no uso de maquinismos agrícolas. Mas muitas das fábricas estabelecidas unicamente para produzir material bélico poderão se transformar rapidamente para a produção de máquinas agrárias, logo que terminar a guerra.

Numerosos campos de cultura onde não se conhecem senão os instrumentos mais rudimentares terão os benefícios das debulhadoras de milho, dos colhedores de algodão, das segadoras, dos arados e tantos outros maquinismos modernos já de reconhecida vantagem, além dos que forem sendo criados e aperfeiçoados para obter o melhor rendimento da terra.

A agricultura, como todas as demais indústrias no continente americano, avança continuamente, ajudada pela ciência e estimulada pelo espírito de cooperação, para o almejado propósito de uma vida mais farta.

Antes da guerra, os vinhos europeus eram os melhores. Mas atualmente, o Chile e outros países americanos estão produzindo excelentes vinhos



A BATALHA DA ALEMANHA



Pela primeira vez, em duas guerras mundiais, luta-se nas ruas de uma cidade alemã. Artilheiros americanos vencem a última resistência nazista, em Aachen

A GUERRA NAZISTA DE EXTERMINÍO

AGUERRA que Adolfo Hitler começou em setembro de 1939, com a invasão brutal da Polônia, tem custado muitas vidas, mais sofrimento e mais destruição em cinco anos de luta, do que qualquer outra guerra na história. Contudo, mesmo quando a guerra já parece obviamente perdida para Hitler, o truculento chefe nazista mostra-se determinado a não somente forçar seus próprios soldados a morrerem em inúteis batalhas, como a levar a ruína e a destruição às cidades alemãs e seus habitantes. A força negra e sinistra que o nazismo representa, força que arrastou ao fanatismo milhões de alemães e aterrorizou aqueles que se lhe contrapunham, revela-a final em toda a sua significação no sexto ano da tremenda conflagração na Europa.

Os exércitos dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá romperam pelo continente europeu a dentro, atravessando a França e a Bélgica, estando já empenhados em renhidas batalhas dentro da própria Alemanha. Ao sul, tropas das mesmas nações, às quais se reuniram forças brasileiras e australianas, prosseguem tenazmente levando o inimigo de vencida na região do vale do rio Pó. Do outro lado, na frente russa, as armas soviéticas penetram pela Prússia, estendendo-se numa linha de batalha de 300 quilômetros, atingindo a fundo os territórios da Hungria e da Iugoslávia, depois de derrotarem o inimigo na România e na Bulgária. Os ingleses, por seu turno, invadiram a Peloponésia, libertaram Atenas e o resto da Grécia. No ar, aviões aliados, aos milhares, não cessam no efetivo ataque e destruição dos centros industriais e vias de comunicações do inimigo.

Um soldado americano percorre alerta as ruas de Aachen, depois do colapso da resistência alemã. Na calçada vê-se o cadáver de um combatente alemão

Não obstante, os líderes nazistas intimam seu combatentes a morrer lutando dentro de cidades sitiadas e ordenam, como desesperada solução, a guerrilha primitiva, o extremo recurso das tropas irregulares. Ameacam de morte a todos os alemães que *colaborarem* com os aliados, *colaborador* sendo agora estigma que os nazistas aplicam até àquelas que simplesmente obedecem às ordens dos aliados, nas áreas ocupadas. É um lento suicídio nacional. Em 1918, quando os dirigentes alemães se certificaram de que haviam perdido a guerra, mesmo severos militaristas da fibra de Ludendorff, exigiram a paz imediatamente, para salvar a nação germânica.

Esse período já passou há muito tempo, na presente guerra. O malogrado atentado contra Hitler, ocorrido no verão passado, é indicação de que muitos generais alemães também alimentam essa opinião. Mostraram-se prontos para desistir da luta. Mas todos os suspeitos de cumplicidade na trama contra Hitler já foram condenados à morte, segundo os próprios informes nazistas.

Cada hora que retarda o fim da guerra significa mais um tremendo tributo para os aliados e para os alemães, igualmente. Mas cada hora que se adia, serve apenas para prolongar o prazo dentro do qual serão chamados à responsabilidade os chefes nazistas. Estes nada têm a perder enquanto puderem retardar, pelo prolongamento da luta, o seu próprio "dia de juízo".

A insistência nazista para que os combatentes alemães morram lutando atingiu as raias do desespere quando os aliados invadiram a Alemanha. Durante o avanço pela França, muitos milhares de soldados alemães, encravados, sem outra saída, renderam-se às forças americanas e britânicas, depois de terem infligido o máximo de perdas que estava ao seu alcance. Mas, mesmo na França, houve vários exemplos da obstinação dos comandantes nazistas, decididos a obrigar seus soldados a

(Continua)



Altas autoridades civis e militares americanas num aeródromo de Paris. Da esq. para a dir.: Gen. Dwight D. Eisenhower, supremo comandante dos exércitos aliados; Gen. George C. Marshall, chefe do estado-maior do exército dos Estados Unidos; James F. Byrnes, diretor da Mobilização de Guerra, e Tte.-Gen. Bradley



Vista da cidade de Aachen (a histórica Aix-la-Chapelle de Carlos Mágno), depois do ataque que pôs termo à resistência nazista. Em baixo: Para o soldado americano na Alemanha não importa obstáculos naturais ou artificiais, porque do outro lado está Berlim. Vê-se na gravura o avanço da infantaria, numa floresta





Enfermeiros americanos, enfrentando o fogo do inimigo, conduzem um companheiro a um posto de primeiros socorros, durante o avanço em território alemão

Moços e velhos, alguns fardados, muitos à paisana, são todos soldados nazistas que procuraram escapar. Vêmo-los a caminho do campo de concentração



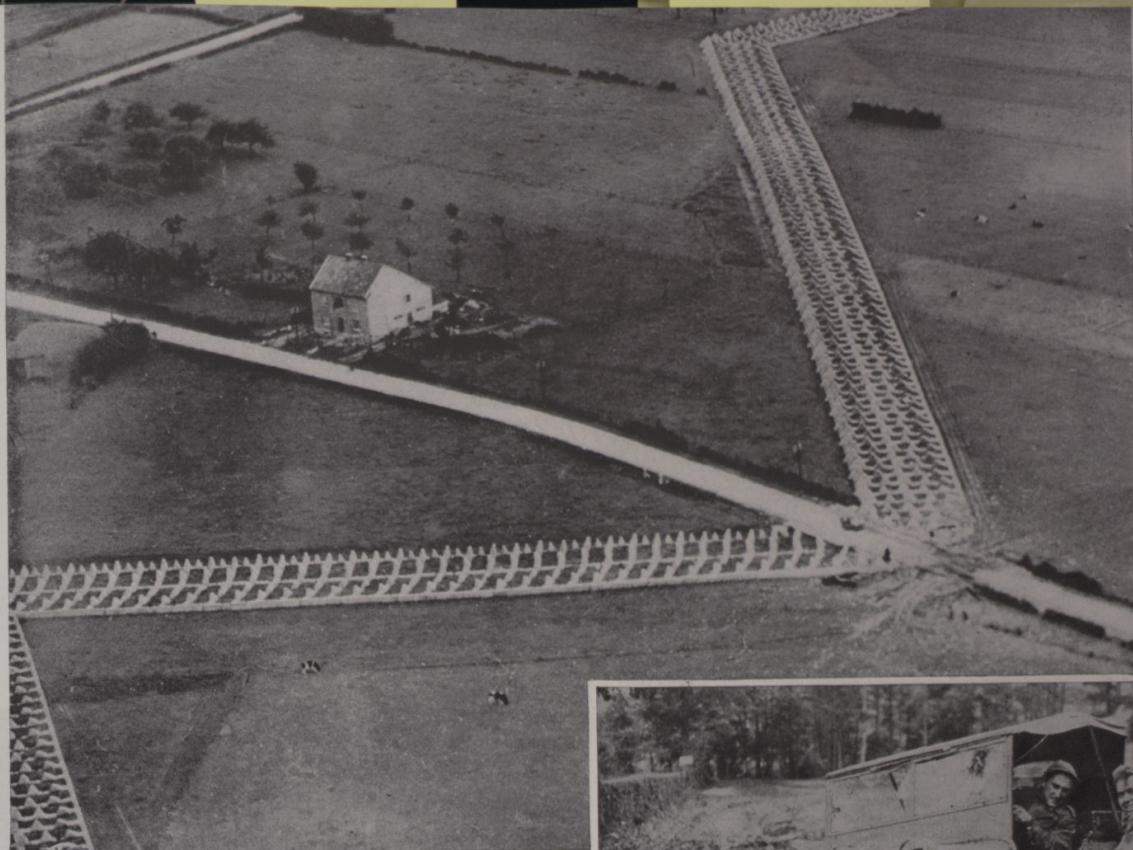
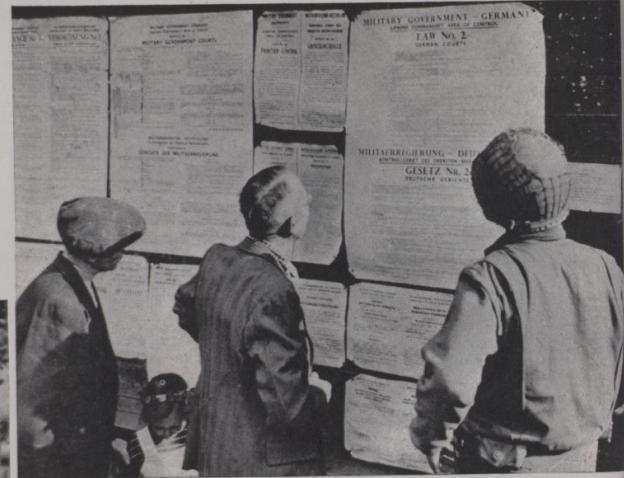
resistir até a última gota de sangue. Não obstante, depois de se virem irremediablemente perdidos, esses mesmos comandantes rendiam-se, para salvar a vida, sua e dos comandados restantes.

Houve o caso do "louco" de St. Malo, o comandante que, fanaticamente, desatendia a todos os apelos dos aliados para que se rendesse com suas tropas. Por quasi três semanas, a fortaleza em que ele se achava lutando como uma fera, juntamente com suas tropas, foi sujeita ao mais intenso bombardeio. Afinal, quando só dispunha de 600 homens, rendeu-se.

Mesmo a longa resistência alemã verificada nos portos de Cherburgo e de Brest causou desnecessário sacrifício de vidas. Os aliados, desde o dia da invasão, desembarcaram, sem cessar, grandes quantidades de material bélico e numerosíssimas tropas. Nos primeiros 109 dias, desembarcaram quasi 2.500.000 homens, 500.000 veículos e 17 milhões de toneladas de munições e mantimentos. Não tardou que o material de guerra dos aliados fosse em quantidade tão grande que os nazistas reconheceram a inutilidade de qualquer resistência.

O desembarque de material bélico e de munição de boca foi efetuado por meio de modernos recursos, conservados em segredo, até recentemente. Consistiam de dois "portos" artificiais, de centenas de metros de extensão, com capacidade de subir ou descer ao nível da maré. Foram rebocados através do canal da Mancha no dia da invasão e dispostos convenientemente em local designado. Dentro do "porto" os navios eram protegidos por um "quebra-mar" improvisado com sessenta velhos navios cargueiros,

Populares alemães lendo, pela primeira vez, as proclamações militares dos aliados postadas em território alemão. Repetem-se agora as cenas de 1918



Vista de avião, a linha Siegfried parece inexpugnável, mas a infantaria e os tanques dos aliados romperam-na, em sua marcha com rumo a Berlim

levados especialmente para serem afundados a certa distância da costa. Mas com a decisiva avançada das forças aliadas em solo alemão, a este e a leste, Hitler julgou mais conveniente organizar uma "guarda nacional," mobilizando para isso jovens até de 16 anos e velhos de 60. E' a raspagem dos últimos resíduos do poder humano germânico para servir nas frentes de batalha. O desesperado gesto do líder nazista provocou o comentário de um jornal americano, afirmando que "Hitler, o ex-cabo austriaco, está disposto a defender sua vida até o último alemão." Em Aachen (a Aix-la-Chapelle do império Carlovingio), por exemplo, as tropas norte-americanas capturaram numerosos soldados alemães de cabelos brancos e porte já alquebrado pela idade. Apesar de terem ficado na cidade muitos civis, sofrendo as consequências do sítio, Hitler se recusou a evitar a desnecessária destruição de vidas e de históricos monumentos e edifícios públicos.

O último

Com a cidade completamente cercada pelas tropas aliadas, e com poderosa artilharia e numerosos aviões de bombardeio aguardando ordens de ataque, o comandante norte-americano enviou um ultimato no sentido de se renderem os alemães "imediata e honrosamente ou sujeitarem-se a completa destruição." Hitler ordenou a resistência e o sacrifício. E a cidade, importante centro estratégico, foi a primeira a ser capturada na Alemanha. Nela se realizou a coroação de vários reis germanos e nela reinou Carlos Magno, sendo notável por seus históricos edifícios. Contudo, foi condenada à completa destruição, a ruínas que atestam a perda de muitas e preciosas vidas tanto para os aliados como para os alemães.

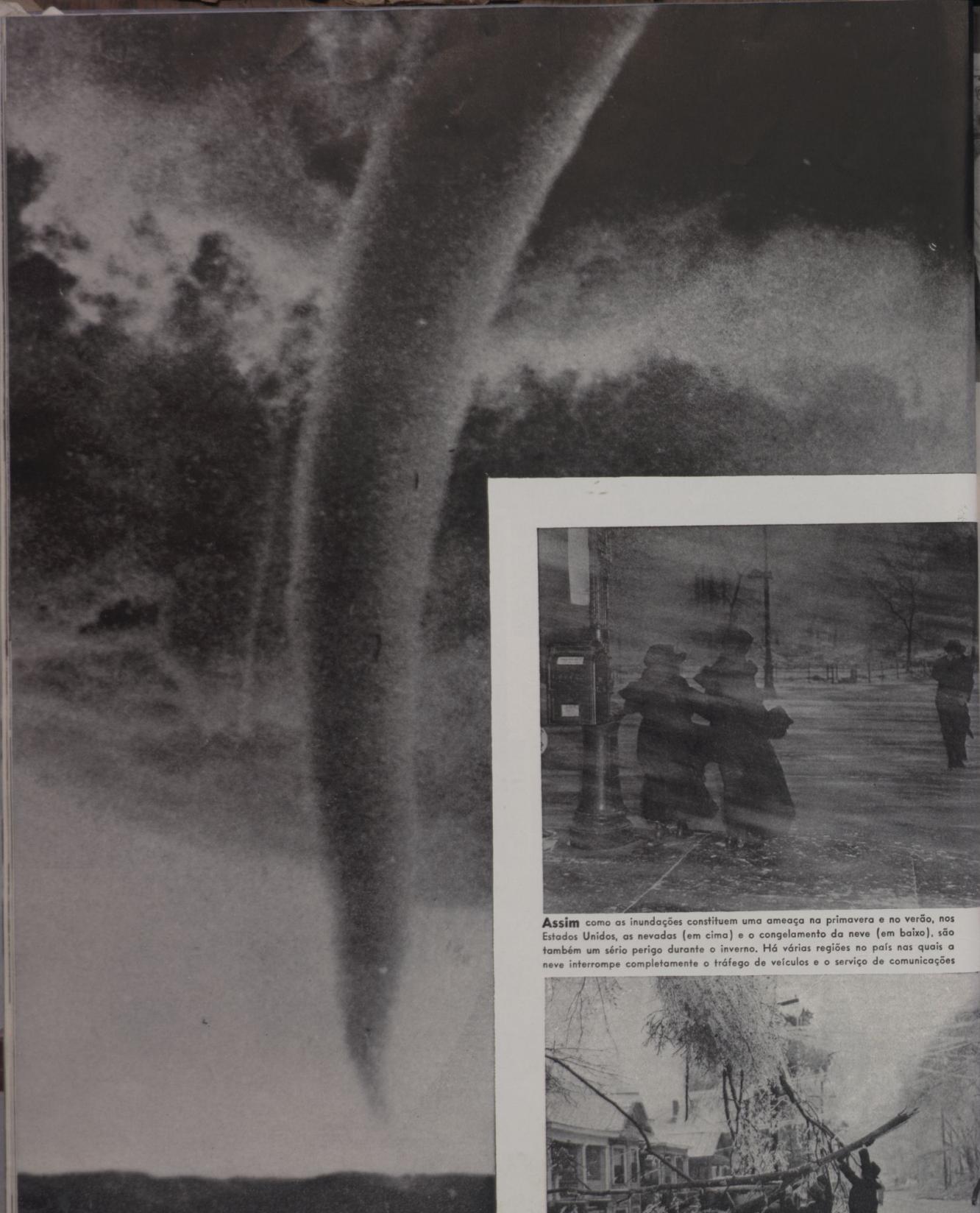
Essa, é, entretanto, uma atitude típica do Führer. Em 1939, quando ordenou a destruição de Varsóvia, fê-lo com fingida relutância, alardeando sua indignação contra o que chamava de "comandantes poloneses sem escrúpulos, que tinham forçado a capital da nação a uma resistência inútil, cujos resultados só poderiam ser a completa destruição." Mas a verdade é que, nenhuma ocasião, os poloneses ainda tinham fundadas esperanças de poder obstar a invasão nazista. Ao passo que agora, os alemães nas cidades sitiadas pelas superiores forças aliadas, nada lucrarão em dar ouvidos às ordens de resistência que Hitler obstinadamente quer fazer cumprir. Para esses nazistas e suas cidades não há outra alternativa senão a morte e a destruição, porque lhes é materialmente impossível escapar ao efeito



As tropas americanas já se familiarizaram com a lama da Europa. Primeiro, na Itália, depois na França e na Bélgica e agora dentro da própria Alemanha

das armas aliadas. Estas continuarão avançando a despeito de todos os óbices. Na tragédia de Aachen torna-se evidente que a guerra de extermínio lançada por Hitler contra cidades e populações civis inteiras noutros países, agora se estende inexoravelmente ao próprio povo alemão. Embora a certeza da derrota final pouco possa influir na política de crueldade dos líderes nazistas, porque elas só se interessam com o que lhes diz respeito, individualmente, há, entretanto, a cruciante questão do saber até quando será a população civil alemã capaz de suportar tais condições. O controle dos nazistas é forte bastante para impôr a organização e mobilização de moços e velhos de todas as idades, formando uma milícia cívica de última hora. O fato, porém, é que, com o exército regular alemão já derrotado no campo de batalha, tal milícia pouco significa.

Assim, a diabólica decisão dos líderes nazistas de continuar uma guerra já perdida representa apenas maiores esforços para os aliados, e maior prolongamento de uma luta que já arruinou, para a Alemanha, qualquer perspectiva de se restaurar facilmente depois da guerra. Grande parte de suas indústrias, numerosas cidades e considerável porção do seu elemento humano válido desaparece cada dia mais no gigantesco vórtice da conflagração que os nazistas provocaram. O último rebate de Hitler não mais sustará o curso infalível da derrota; servirá, quando muito, para delongar o sacrifício do povo alemão, que, em devido tempo, se certificará dessa realidade. Esta é a verdadeira significação da Batalha da Alemanha.



Um sinal de morte e destruição: o tromba que quasi sempre acompanha os furacões que assolam frequentemente as planícies do oeste americano



Assim como as inundações constituem uma ameaça na primavera e no verão, nos Estados Unidos, as nevadas (em cima) e o congelamento da neve (em baixo), são também um sério perigo durante o inverno. Há várias regiões no país nas quais a neve interrompe completamente o tráfego de veículos e o serviço de comunicações



Os técnicos da Direção de Meteorologia dos Estados Unidos se valem dos recursos do rádio, do teletipo e do telegrafo sem fio para prevenir contra as tormentas que põem em risco várias regiões do país, ao mesmo tempo

O TEMPO

O PROGRESSO DA METEOROLOGIA NOS ESTADOS UNIDOS

NUM dia de Setembro último, de vento rijo, foram içadas em todas as estações meteorológicas da costa atlântica dos Estados Unidos, desde o Estado do Maine até a Florida, duas pequenas bandeiras vermelhas com um retângulo negro no centro. Foi esse o sinal bastante para que todas as embarcações que se achavam ao longo do litoral procurassem porto seguro, pois tratava-se de aviso da aproximação de um furacão. Informados do perigo pela imprensa e pelo rádio, os habitantes da zona litorânea deram-se pressa em proteger suas casas contra os efeitos do tremendo pé de vento. E os que residiam ao longo das praias não tiveram outro recurso senão afastar-se quanto antes para o interior. Nos aérodromos todo o tráfego de aviões, civis e militares, ficou suspenso. Os aparelhos foram recolhidos cuidadosamente aos hangares.

Mas houve uma exceção. No aérodromo de Bowling, perto de Washington, os mecânicos aprestaram um pequeno avião de bombardeio e o colocaram numa das pistas, aguardando ordens. Pouco depois, três oficiais do Exército americano galgaram o aparelho e, dentro de poucos minutos, faziam-se com rumo ao ponto que, no céu, se apresentava mais negro e ameaçador. Iam precisamente ao encontro do ciclone.

Os oficiais eram o coronel Floyd B. Wood, da Diretoria de Meteorologia da Aviação Militar; o major Harry Wexler e o tenente Frank Record, meteorologistas. Apresentava-se-lhes o ensejo que de há muito aguardavam, "de fazer um vôo no vórtice de um furacão, para comprovar ou refutar certas teorias sobre o fenômeno," segundo declarou o coronel Wood.

A oportunidade não se fez esperar. Quando voavam por sobre o mar, à coisa de mil metros de altitude, viram aproximar-se o furacão: uma imensa muralha negra como que suspensa nas nuvens. Em baixo, o mar revoltou, elevava-se em ondas gigantescas. O vento rugia então furiosamente contra o aparelho, estremecendo-o. "Segundo as teorias que havíamos aprendido," refere o coronel Wood, "na parte exterior do

furacão forma-se uma corrente ascendente, e, por conseguinte, o avião deve elevar-se ao chegar a esse ponto."

Em poucos minutos o avião entrava na área convulcionada, e seus tripulantes firmaram-se nos assentos, para não cair. Logo nos primeiros momentos deram-se conta de que a teoria sobre a ascenção era completamente errônea: o avião, em vez de elevar-se, projetava-se à razão de mais de 200 metros por minuto. O coronel Wood explica que puxou o bastão de comando para subir e pôs o nariz do avião contra o vórtice do ciclone. A chuva vergastava o aparelho e o nevoeiro era denso, mas o piloto manteve o rumo até o centro da borrasca, contra um vento de 225 quilômetros por hora. A corrente descendente que, segundo a teoria, existe no vórtice, deveria empurrar o avião para baixo, com tremenda força. Mas eis o que relata a respeito o coronel, aviador e meteorologista:

Desfeita outra teoria

"Já tínhamos avançado uns 90 quilômetros quando, repentinamente, fomos atingidos pelo furacão. O avião ganhou altitude com tanta rapidez que fomos sacudidos violentamente. Era outra teoria que, na prática, não se confirmava. No centro do ciclone havia, em vez de nuvens negras, conforme esperavamos, uma ténue neblina, pela qual penetravam os raios solares."

As palavras do coronel Wood dão uma idéia do que é voar dentro de um furacão, o mesmo furacão que assolou a costa oriental dos Estados Unidos, causando enormes prejuízos materiais. As perdas de vida, entretanto, foram em número relativamente reduzido, graças às precauções tomadas logo que foi dado o aviso da aproximação da tremenda borrasca.

Para os intrépidos meteorologistas que tão abnegadamente se arriscaram, os resultados da sua missão foram compensadores, pois trouxeram importantes esclarecimentos para meteorologistas e aeronautas sobre fatos que só a observação pessoal pode determinar com vantagem. Como verdadeiro profissional, o coronel Floyd B. Wood



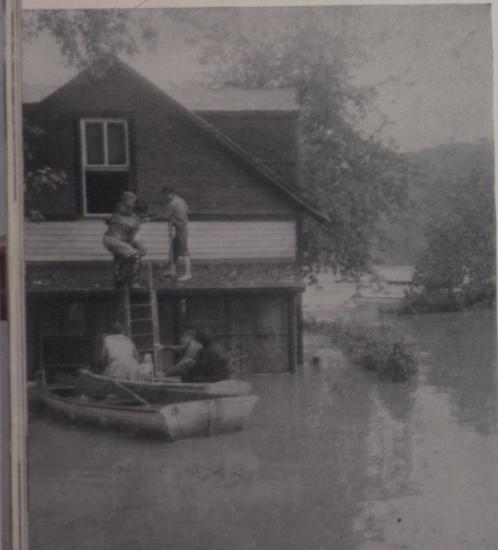
O novo aparelho que se eleva por meio de um globo de borracha para determinar as condições da atmosfera a grandes altitudes. Em baixo: O anemômetro, que mede a força e a velocidade do vento



(Continua)



Nos Estados Unidos sentem-se tantos os efeitos das secas (em cima), como os das inundações (em baixo). Ambos os males, porém, estão em vias de serem eliminados, pela arborização e pelas repressões



reconhece a necessidade de verificar os fenômenos meteorológicos, valendo-se de todas as oportunidades ao seu alcance. Sobre o que já pôde fazer nesse sentido, comenta ele:

"Algum piloto talvez ainda se veja, sem querer, em meio de um furacão e possa aproveitar a ligação que aprendemos. Quanto a mim, quando houver outro furacão espero voar num avião caça até a estratosfera e baixar pelo centro da borrasca, para observar os efeitos."

A atitude do coronel Wood reflete o interesse que despertam as condições do tempo nos Estados Unidos, não somente entre meteorologistas, como também entre o público em geral. Talvez não haja país no mundo onde se fale tanto a respeito do tempo como nos Estados Unidos. O tempo é, sem exagero, um dos tópicos obrigatórios na conversação quotidiana.

Variações do tempo

Uma das principais razões é a variabilidade em comparação, por exemplo, com a estabilidade relativa da temperatura na maior parte dos países americanos. Deve-se isso à situação geográfica, e alguns exemplos bastam para dar idéia da diferença. Em Lima, a temperatura máxima jamais registrada foi de 32 graus centígrados, e a mínima, de 10 graus; em Valparaíso, a máxima foi de 33 graus e a mínima de 2; em Buenos Aires, máxima, de 40, mínima, de 6 abaixo de zero, e no Rio de Janeiro, máxima, de 41, mínima, de 11. Ao passo que, em Washington, D. C., a máxima registrada tem sido de 41 e a mínima, de 30 abaixo de zero; em Chicago, máxima de 41, mínima, de 30 abaixo de zero, e em Nova York, máxima, de 40, mínima de 26 graus abaixo de zero.

O interesse que as condições do tempo despertam nos Estados Unidos prende-se a circunstâncias econômicas que afetam a todos. Na aviação, por exemplo, é necessário saber o tempo que fará dentro de um ou dois dias, para organizar os vôos. Quanto à agricultura, todos sabemos como são importantes as previsões do tempo para o trabalho do campo, desde a sementeira até a colheita; nas indústrias fabris e no comércio em geral, as condições do tempo influem em inúmeras atividades.

Em tempo de guerra é imprescindível obter informações sobre as condições atmosféricas com a maior antecedência possível, pois delas dependem a perfeita organização de operações militares, navais e aéreas. Individualmente, todos estamos sujeitos às variações do tempo, variações que se refletem na saúde, no trabalho, nas diversões e na vida social.

A propósito da generalizada preocupação pública com o tempo, nos Estados Unidos, Mark Twain, o famoso humorista, chegou a dizer que "todo mundo falava do tempo, mas ninguém propunha um remédio."

Conquanto não fosse possível remediar o trato, entretanto, de prever as suas variações. E assim, em 1870, o governo estabeleceu o primeiro serviço de informações meteorológicas baseado em dados fornecidos por vários postos militares. Comparado com o amplo sistema de agora, esse serviço era muito rudimentar. Vinte anos depois, verificou-se a necessidade de melhorá-lo, sendo então criada uma seção anexa ao Departamento de Agricultura, a qual, mais tarde, passou a constituir a Diretoria de Meteorologia dos Estados Unidos. Seus serviços foram consideravelmente aumentados, consistindo de completas previsões do tempo, avisos de tempestades e de inundações, informações estas de

grande utilidade para a lavoura, para o comércio e a navegação costeira e transatlântica. Em 1940 a Diretoria de Meteorologia passou para o Departamento do Comércio. Ao romper a guerra, os Departamentos da Guerra e da Marinha instalaram suas próprias estações meteorológicas em várias partes do país, permitindo informações com o serviço meteorológico do Departamento do Comércio, que, por sua vez faz a permuta com o serviço do Canadá e das demais nações americanas, de vital importância, sobre tudo na área do Mar das Antilhas.

A Diretoria de Meteorologia dos Estados Unidos mantém 415 estações e conta com 3.000 empregados, tendo ainda a cooperação voluntária de 2.000 observadores espalhados em numerosas localidades, os quais comunicam à Diretoria os resultados de suas observações.

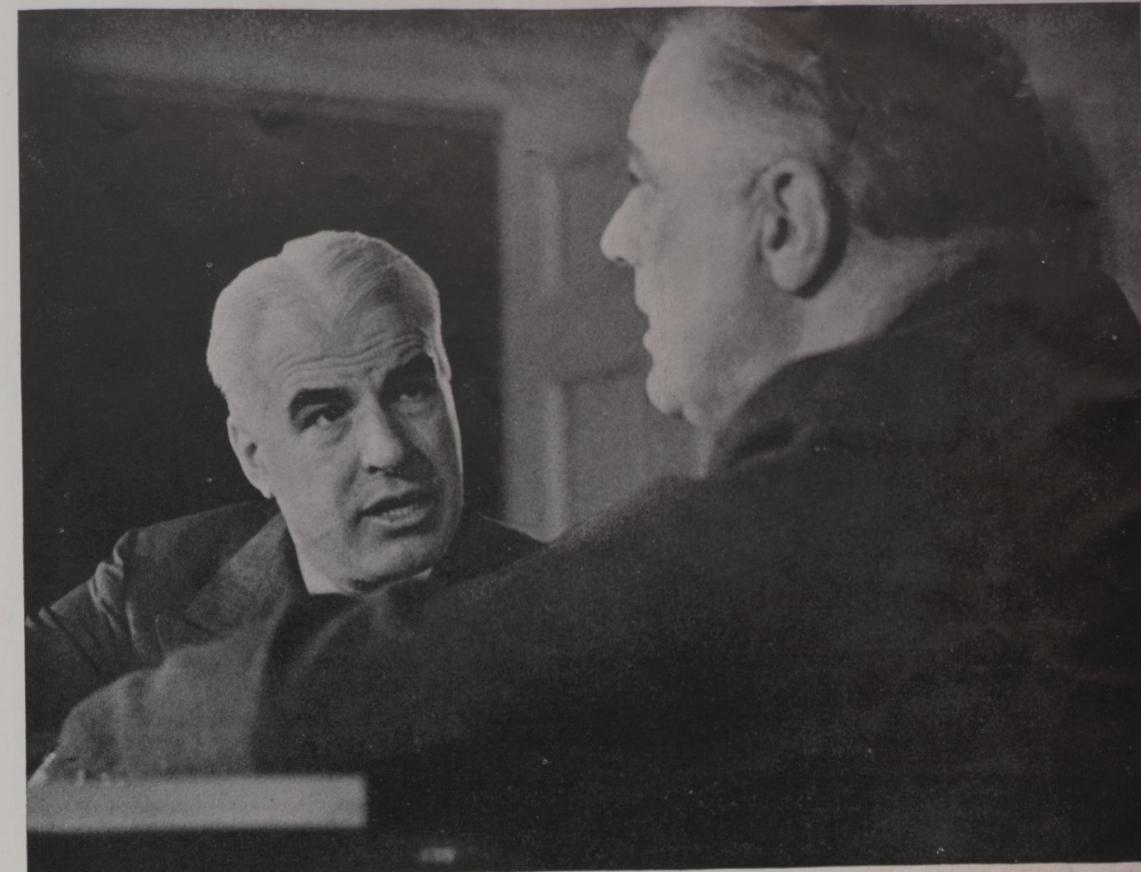
Expande-se o serviço

Novos métodos e de maior precisão foram descobertos recentemente para observar os fenômenos meteorológicos. A sua adoção tem beneficiado enormemente a aviação e a agricultura. Há, por exemplo, o radiosonda, que consiste de um pequeno instrumento ligado a um balão inflado com gás hélio, para ascender a grandes altitudes e registrar a pressão atmosférica, a temperatura e a humidade, transmitindo, pelo rádio, as informações a um receptor automático, instalado em terra. Um outro balão serve para registar a direção e velocidade dos ventos a diversas altitudes. De grande utilidade são igualmente os mapas meteorológicos, impressos e distribuídos pela Diretoria. Nesses mapas marcam-se graficamente todas as aspectos importantes das condições meteorológicas ocorrentes em todo o país. Os mapas contêm também a temperatura, a precipitação e outros dados fornecidos pelas estações de observação, atualmente em muito maior número.

A Diretoria de Meteorologia procura continuamente ampliar seu campo de ação. As empresas de navegação aérea são agora fornecidas dados completos sobre as condições meteorológicas ao longo de todas as rotas nos Estados Unidos e no Alasca. E os agricultores em geral contam com um serviço completo de previsões por maior período de tempo, graças aos esforços da Diretoria. As previsões normais são publicadas de duas a quatro vezes por dia, anunciando as condições meteorológicas durante um período de 36 horas. Mas sempre que há a possibilidade de mudanças importantes, os informes são dados em intervalos de duas ou três horas. Afim de assegurar a maior divulgação possível, recorre-se a todos os meios modernos de publicidade: o rádio, o telegrafo, o telefone e o jornal.

E impossível calcular o número de vidas e o valor das propriedades que têm sido salvas graças aos avisos meteorológicos. Não obstante, sabe-se de um caso em que se salvou uma safra inteira de laranjas, no valor de quatorze milhões de dólares, em virtude do aviso da aproximação de um período de intenso frio, que aliás durou uma semana. Noutro caso, a previsão de uma enchente contribuiu para que se salvassem propriedades no valor de sete milhões de dólares.

Os prejuízos materiais causados pelo furacão de setembro último, apesar de seus efeitos devastadores, montaram a uma quinta parte dos danos causados pelo furacão de 1938, e o número de mortes atingiu apenas a décima parte das ocorridas naquela ocasião. A redução se deve principalmente à eficácia do sistema de prevenção adotado pelo serviço meteorológico.



Edward S. Stettinius Jr. em palestra com o Presidente Franklin D. Roosevelt, na Casa Branca, após tomar posse do cargo de Secretário de Estado

EDWARD R. STETTINIUS Secretário de Estado

NOTA: O artigo "A Paz Internacional," a páginas 32 e 33, foi escrito antes de se saber da notícia da renúncia do Secretário Hull por motivo de saúde, e da nomeação do Sr. Edward R. Stettinius Jr. como Secretário de Estado.

NAS capitais de todas as Nações Unidas as contingências do momento têm transformado os líderes do governo em verdadeiros homens de guerra. E alguns deles acumulam mais uma responsabilidade, qual a de cooperar no traçado da paz futura que justificará os sacrifícios de guerra arcados por tantas nações e partilhados por milhões de seres humanos.

Tal é o duplo encargo do Secretário de Estado dos Estados Unidos, com as suas responsabilidades impostas pela prossecução da guerra e, ao mesmo tempo, pela preparação da paz. Edward R. Stettinius Jr., prematuramente encanecido aos 44 anos de idade, comprehende exatamente a

sua dupla e momentosa tarefa, como sucessor de Cordell Hull, no estabelecimento da paz. Estamos vencendo a guerra," disse o novo secretário, recentemente, "mas ninguém deve supor que já está vencida. O inimigo continua a resistir desesperadamente, na Europa e no Extremo-Oriente. A vitória total, decisiva e completa, só pode alcançar-se com esforço total."

E após a vitória? Ajudar a traçar o futuro é a segunda fase da responsabilidade do Secretário de Estado.

"Temos que prosseguir," declarou Stettinius. "em íntima colaboração com todas as Nações Unidas, para completar a grande Carta estabelecendo as instituições de cooperação internacional a bem da paz, da liberdade e do progresso que a nossa vitória tornará possível."

Edward R. Stettinius Jr. é o 48º Secretário de Estado dos Estados Unidos, sendo o segundo mais moço a ser nomeado para esse elevado posto. De todos os seus deveres, como chefe do

Departamento de Estado e assessor do Presidente em matéria de relações exteriores, Stettinius considera como de maior relevância um dever que fala mais de perto ao coração de milhões de criaturas humanas no mundo inteiro — o de contribuir para o estabelecimento de um sistema de cooperação pacífica entre as nações.

O lento progresso para atingir este objetivo, não obstante, tem sido um esforço de caráter mundial, esforço que, especialmente em seus primeiros anos, não deixou de se ressentir de obstáculos e desapontamentos. Cada nação conta entre os seus filhos notáveis alguns que têm se distinguido nos esforços a bem da paz universal. Nos Estados Unidos, dentre os nomes frequentemente mencionados nesse sentido, o de Cordell Hull se impõe por uma longa série de inestimáveis serviços. O predecessor de Stettinius foi, de fato, o lançador das bases da estrutura cuja obra o novo secretário vai continuar com vivo interesse. Hull foi o primeiro Secretário de Estado a

(Continua)



Um dos encargos do novo secretário é ver que se realizem as esperanças da conferência de Dumbarton Oaks. Da esq. para a dir.: Peter Loxley e Sir Alexander Cadogan, da Inglaterra; A. Gromyko, A. A. Sovolev e V. Boreshov, da Rússia, e J. Dunn e L. Pasovsky (de pé), dos EUU. Em baixo: Cordell Hull assina a ata da Conferência de Havana, em 1940. Sua política interamericana será seguida por Stettinius

exercer o cargo durante três governos consecutivos — quase doze anos. Quando o seu precário estado de saúde o obrigou a resignar o posto, recentemente, numerosas e espontâneas foram as manifestações de amigos e admiradores, no país e no estrangeiro, prestando um merecido tributo ao veterano estadista. Hull tem consagrado sua vida ao cultivo da amizade internacional. Serviu como delegado dos Estados Unidos em numerosas e históricas conferências: a Conferência Monetária e Econômica de Londres, em 1933; a Sétima Conferência Internacional dos Estados Americanos, em Montevideu, no mesmo ano; a Conferência Interamericana de Buenos Aires, em 1936; a Oitava Conferência Internacional dos Estados Americanos, de Lima, em 1938; a Segunda Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, em Havana, em 1940, e a Conferência de Moscou, em 1943.

As conferências interamericanas e a experiência em confraternização internacional que elas representam exprimem a fé de Cordell Hull na possibilidade de viverem e trabalharem as nações num conjunto de perfeita harmonia, como iguais. Este é um sistema cujo espírito fundamental nunca cessou de animar o ex-secretário de Estado americano com a esperança de ser extensivo a todas as nações do mundo.

Quando Hull, homem realista, viu seu sonho de paz interrompido pelas nuvens da conflagração européia, fez tudo para ajudar a pôr a força moral e material dos Estados Unidos na luta universal contra a agressão, mesmo antes do ataque japonês contra Pearl Harbor. Enquanto isto, um outro homem de paz tornava-se homem de guerra: Edward R. Stettinius Jr. deixaria seu importante lugar numa grande empresa industrial para servir na administração pública, primeiro na Comissão Consultiva do Conselho da Defesa Nacional, depois a cargo das prioridades no Escritório Administrativo da Produção e, mais tarde, como administrador dos empréstimos e arrendamentos. Nesta capacidade, deu grande impulso ao abastecimento de material bélico que tanto contribuiu para fortalecer as nações empenhadas contra o inimigo comum, na sua hora mais negra.

Em 1943, Stettinius entrou para o Departamento de Estado, como sub-Secretário — como primeiro assistente de um homem quase 30



O Sr. Stettinius, sua esposa e um de seus três filhos. É o mais jovem de todos que tem desempenhado o posto de Secretário de Estado dos Estados Unidos, com exceção de Edward Randolph, que ocupou o cargo durante o governo de George Washington. Em baixo: Entusiasta das viagens, aqui o vemos com um marinheiro russo durante sua visita à Rússia, como administrador de empréstimos e arrendamentos

anos mais velho e cujos ideais ele tanto admirava. Hull e Stettinius colaboraram para a realização de um acontecimento que simbolizava um passo a mais na cooperação internacional: a conferência de Dumbarton Oaks, em Washington, e as subsequentes discussões, por todas as Nações Unidas, da proposta organizada destinada à manutenção da paz.

Mas os contínuos labores da vida do veterano estadista tinham exigido o seu tributo. Num dia de novembro, Cordell Hull, guardando o leito, escreveu ao Presidente Roosevelt:

"É com indizível desapontamento que julgo necessário, a bem de minha saúde, afastar-me do serviço público. Apresento-vos, portanto, com o mais profundo pesar, minha resignação do cargo de Secretário de Estado. É para mim uma suprema tragédia pessoal não poder continuar a dar toda a contribuição dos meus esforços para tão grandes empreendimentos internacionais como a criação da organização destinada à manutenção da paz, a solução de tantos outros problemas relativos à promoção da cooperação internacional e o desenvolvimento final da estrutura sólida e completa de uma ordem mundial sob a égide suprema da lei e do direito. Logo que recuperar minhas forças, estarei às ordens de V. Ex., como cidadão sempre ansioso de prestar todos os serviços."

O Presidente Roosevelt fez-lhe imediatamente uma visita, demorando-se em longa palestra com o seu velho amigo e conselheiro. E assegurou-o de que a sua orientação seria sempre valiosa. Mais tarde, em carta, disse ainda o presidente: "A sua saúde, naturalmente, merece a minha primeira consideração, e estou confiante que se restabelecerá dentro de tempo relativamente curto." O Sr. Roosevelt enalteceu as qualidades do seu ilustre Secretário de Estado, chamando-o de "pai das Nações Unidas, aquele que mais tem feito no mundo inteiro para tornar realidade o grandioso plano da paz universal."

Em meio do pesar geral manifestado pela resignação do Secretário Hull, os líderes de ambos os partidos políticos no Congresso dos Estados Unidos regosijaram-se com a escolha do seu sucessor. Stettinius há mais de um ano que vinha trabalhando no Departamento de Estado, como primeiro assistente de Cordell Hull e era considerado como per-

{Continua}





Nomeado para exercer um dos postos mais importantes em tempo de guerra, Stettinius herda as responsabilidades e tradições de um grande estadista

feitamente qualificado para prosseguir na obra à qual o seu chefe dedicou a vida, tornando-se um dos maiores expoentes na campanha pro-paz permanente. Ao seu sucessor, Hull escreveu, felicitando-o e desejando-lhe "os melhores êxitos no desempenho dos deveres e responsabilidades do elevado cargo neste momento crítico."

No "momento crítico" em que tomou posse, Stettinius viu-se guiado pelos valiosos exemplos do seu predecessor e por suas próprias convicções pessoais. Pela formação do seu caráter, educação e experiência, está convencido de que o único futuro para o mundo se encontra na cooperação internacional.

Dando curso a um profundo sentimento de missão social, em seu tempo de estudante, Stettinius cogitou de dedicar-se ao sacerdócio. Sua viagem à Europa, em companhia de um colega, o dissuadido do intento, despertando-lhe um grande interesse pelas relações internacionais. Ao regressar aos Estados Unidos, sua habilidade e iniciativa foram reconhecidas por um industrialista que o convenceu a dedicar-se à carreira dos negócios.

Homem de ação

Stettinius viu grande possibilidade em entregar-se às atividades a bem dos elementos humanos nas grandes indústrias, dedicando-se ao campo de saneamento, higiene e segurança dos trabalhadores. Seu primeiro encargo, como encarregado de abastecimentos de uma empresa, rendia-lhe muito pouco. Mas através de seus esforços e perfeito tino administrativo conseguiu, dentro de poucos anos, tornar-se chefe de uma grande empresa industrial.

Quando as nuvens da guerra enegreceram os horizontes, anos antes de atingirem o hemisfério ocidental, Stettinius abandonou sua vida privada para dedicar-se ao serviço da nação, em várias funções. E foi em 1943, depois de ter estado dois anos como incançável administrador de empréstimos e arrendamentos, que ingressou no Departamento de Estado. Edward Stettinius presidiu a delegação dos EUA na Conferência de

Dumbarton Oaks. E inicia sua carreira como Secretário de Estado decidido a continuar a grandiosa obra. Comprometeu-se a cooperar com os homens de boa vontade de todas as nações, "para chegar a um acordo comum com referência ao organismo internacional mais efetivo, mais capaz de realizar as esperanças de todos os povos."

Como sub-Secretário seguiu imediatamente a norma de ação instituída pelo seu ilustre chefe. E ao expressar-se a respeito da política interamericana, afirmou francamente:

"Sempre julguei que uma das pedras angulares da nossa política exterior era a amizade para com as outras repúblicas americanas. A política de Boa Vizinhança veio proporcionar a base sobre a qual todas as nações americanas pudessem cooperar em benefício mútuo. Sua colaboração para assegurar a defesa do hemisfério tem sido um dos notáveis exemplos de cooperação internacional de todos os tempos. Através da continuação dessa cooperação as repúblicas americanas poderão fazer enorme contribuição à solução dos problemas do período de após-guerra."

Em várias outras ocasiões Stettinius demonstrou o seu profundo respeito ao princípio interamericano segundo o qual as nações se consultam como iguais. Por exemplo, quando se cogitava da proposta para um conselho de segurança mundial, a ser discutida pelas Nações Unidas, ele trocou idéias com os chefes das missões diplomáticas das repúblicas americanas, durante uma recepção em Washington, tendo ensejo de dizer-lhes:

"Estou certo que o futuro julgará como de supremo importância o fato de que, apesar de todos os precalços e dificuldades desta guerra mundial, vinte repúblicas americanas têm se mantido firmes em sua declaração de solidariedade. Se essas vinte repúblicas americanas não tivessem reconhecido a importância dessa atitude e agido consoante o princípio que ela envolve, a guerra poderia ter tomado um curso mais difícil do que o que tomou. Os princípios em que se firma o sistema interamericano, desenvolvendo-se de longa e proveitosa experiência, terão inquestionavelmente importante projeção na proposta organização internacional."



Aviões do Primeiro Grupo de Caça, da Fábrica Aérea Brasileira em operações na Itália. Todas levam tanques de gasolina sobressalentes, alijáveis

OS VALENTES "AVESTRUZES"

O Tenente-Coronel Nero Moura, comandante do Primeiro Grupo de Caça, o "Bando de Avestruzes"



Frank Norall e Alan Fisher, correspondentes especiais do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos junto à Fábrica Expedicionária Brasileira em operações na frente meridional europeia, registram na seguinte reportagem a chegada da Fábrica Aérea Brasileira ao "front" italiano, e a sensação causada pela "esquadrilha misteriosa". Norall descreveu e Fisher fotografou.

A SOLDADESCA brasileira no seu acompanhamento na Itália ficou espantada quando, pela manhã cedo, surgiu uma formação de aviões de caça em formidável mergulho sobre as barracas, fazendo um barulho ensurdecedor. Mas logo que os aviões saíram do mergulho, todos ficaram surpreendidos ao ver nas asas dos aparelhos a estréla verde, amarela e azul da Fábrica Aérea Brasileira. Seus protestos de indignação transformaram-se imediatamente em gritos de entusiasmo. Os aviões brasileiros já estavam na frente de combate!

Foi assim que o Primeiro Grupo de Caça, comandando pelo tenente-coronel Nero Moura deu sinal da sua chegada à Itália. Envoltos em segredo desde a sua criação pelo Presidente Vargas, quasi um ano antes, a unidade aérea brasileira tornou-se assim a "esquadrilha misteriosa". Na realidade, é um grupo composto de pilotos selecionados e de técnicos especialmente adestrados

para operações de guerra na frente europeia. Todos os seus elementos, inclusive o pessoal de terra, tiveram pelo menos seis meses de curso de aperfeiçoamento em escolas de aeronáutica militar nos Estados Unidos, depois de completarem seus respectivos cursos regulares no Brasil. Vários aliás têm mais de dois anos de estágio técnico na América do Norte. Na opinião do capitão John W. Buyers, elemento de ligação do Exército americano junto aos aviadores brasileiros, o Primeiro Grupo de Caça conta com pessoal mais experiente do que muitas outras unidades que chegam para entrar em combate.

Seu comandante, o tenente-coronel Nero Moura, é um dos oficiais mais distintos da aeronáutica brasileira. Tem mais de 15 anos de serviço e mais de 4.000 horas de vôo. Durante alguns anos foi o piloto exclusivo do Presidente Vargas. Seus esforços muito têm contribuído para o desenvolvimento da Fábrica Aérea Brasileira. Quando o presidente deu à aeronáutica militar brasileira um caráter de força independente, em 1940, o então capitão Moura foi designado para servir de consultor técnico junto ao Ministério da Aeronáutica, cargo que ele ainda mantém.

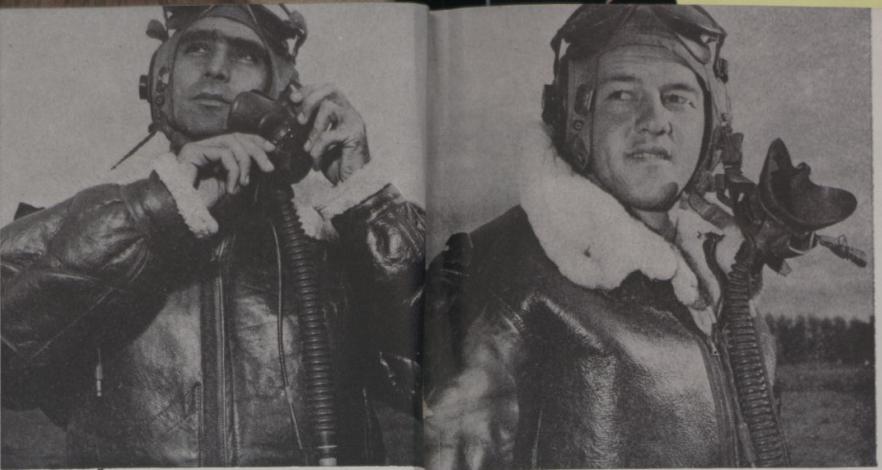
Sua primeira participação em combate ocorreu durante a revolução paulista, em 1932, ao lado das forças legais. Em 1934 foi convidado pela aviação militar francesa para visitar a França, tendo então oportunidade de fazer cursos espe-



Primeiro-Tenente H. Monteiro Machado



Capitão Fortunato Camara de Oliveira



Segundo-Tenente Roland Rittmeister



Segundo-Tenente Joá Cordeiro

cializados de artilharia e bombardeio aéreo. Já foi distinguido com várias condecorações, da Polônia, do Chile, do Paraguai e do Brasil.

De complexão atlética, o tenente-coronel Moura é um perfeito tipo de militar, inexcedível em cavalheirismo e camaradagem, gozando por isso de grande popularidade entre seus comandados que o estimam e lhe apreciam as qualidades pessoais e profissionais. Entre militares, sobretudo na aviação, a reciprocidade de sentimentos de amizade é cultivada com especial carinho, pois todos se sentem como que unidos num mesmo destino, partilhando as mesmas alegrias e os mesmos dissabores.

Há no Grupo de Caça alguns oficiais cuja fórmula de serviços de guerra atestam o valor do conjunto que coronel Moura comanda. Três já enfrentaram o inimigo em renhido combate, no patrulhamento da costa brasileira. O primeiro tenente José Carlos de Miranda Correa e o segundo-tenente Alberto Martins Torres, foram distinguidos com a medalha de Distinção da Aviação Militar dos Estados Unidos, por terem afundado um submarino alemão em águas brasileiras, em julho de 1943. O tenente Torres nasceu nos Estados Unidos, e fala inglês perfeitamente. Seu pai foi consul do Brasil.

Veteranos e avestruzes

Outro veterano do Primeiro Grupo de Caça é o capitão Oswaldo Pamplona, que tem a seu crédito o provável afundamento de um submarino inimigo. É o oficial encarregado das operações do Grupo.

Toda a oficialidade sob o comando do coronel Moura pertence à ativa, procedente do Exército, com exceção do capitão Pamplona, que pertence à Aviação Naval.

Os pilotos do Primeiro Grupo de Caça gostam de ser conhecidos por *avestruzes*, e a insignia da unidade, pintada em cônices vivas na fuselagem de cada avião, mostra um feroz avestruz, encapitado numa nuvem, "passando fogo" com um enorme revólver. O temível avestruz tem para se defender um escudo com o emblema nacional do Cruzeiro do Sul. E sob a gravura lê-se o grito de guerra do Grupo: "Senta a pua!". A insignia foi desenhada pelo capitão Fortunato Camara de Oliveira.

Ao ser perguntado a propósito da escolha de um avestruz para semelhante distintivo, o capitão Oliveira explicou, esclarecendo o mistério: "Ninguém sabe exatamente como foi que surgiu o cognome de *avestruz* para estes aviadores brasileiros. Começou espontaneamente entre o

pessoal do Primeiro Grupo, mas ninguém podia imaginar que a idéia pegasse com tanto bom humor. O caso, porém, é que todos passamos a nós conhecer como um *bando de avestruzes*. A analogia certamente se prende aos hábitos tão peculiares ao avestruz, hábitos que tanto o destacam em toda a escala zoológica. Todos nos sentimos com uma resistência orgânica de verdadeiros avestruzes, sobretudo no que diz respeito ao aparelho digestivo. Temos comido tantas coisas estranhas que, para digerí-las, só mesmo possuindo um estômago de avestruz.

Curioso símbolo

O avestruz é também conhecido pela sua rara capacidade de adaptação a qualquer meio ambiente, por pior que seja. De maneira que, quando se cogitou da escolha de um símbolo para o nosso Grupo, foi unanimemente aprovada a idéia de adotarmos o que parecia ser mais à nossa própria imagem: o avestruz. Armei, pois, a maior das aves com o melhor escudo brasileiro, o do Cruzeiro do Sul, e com uma enorme arma que bem simboliza as nossas metralhadoras de calibre .50. Para completar a idéia, coloquei-o em cima dum a nuvem, em pleno voo de combate, tendo por fundo um céu rubro. Representa assim o sentimento de combate do Primeiro Grupo de Caça Brasileiro."

Os aviões do Grupo são todos P-47 "Thunderbolt", já famosos pela sua resistência, eficiência e velocidade em todos os combates em que se têm empenhado. Tanto os pilotos como os mecânicos orgulham-se desses aparelhos.

"Todos gostamos imensamente desses aviões," declarou o primeiro-tenente Miranda Correa, veterano de aviões de caça. "São aparelhos que vão e voltam em cada combate que se metem.

Sua resistência é extraordinária e suas oito metralhadoras são de tremendo poder ofensivo."

O correspondente Frank Norall e o fotógrafo Alan Fisher em seu "gabinete de trabalho" na Itália



Os mecânicos, por sua vez, não ocultam seu grande entusiasmo pelo avião. O sargento Arno José Wagner, por exemplo, que estava ao lado de um dos aviões, deu umas pancadinhas amistosas no motor e afirmou convencido: "É um avião e tanto! O melhor em que já trabalhei."

A história do Primeiro Grupo de Caça demonstra a razão por que é o mesmo considerado uma unidade de escola. O Presidente Vargas decretou a sua criação em dezembro de 1943, e o Ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado Filho, designou o tenente-coronel Nero Moura para comandar o Grupo, antes mesmo da sua formação, autorizando-o a escolher à sua vontade todo o pessoal necessário, dentre os elementos da Fôrça Aérea Brasileira.

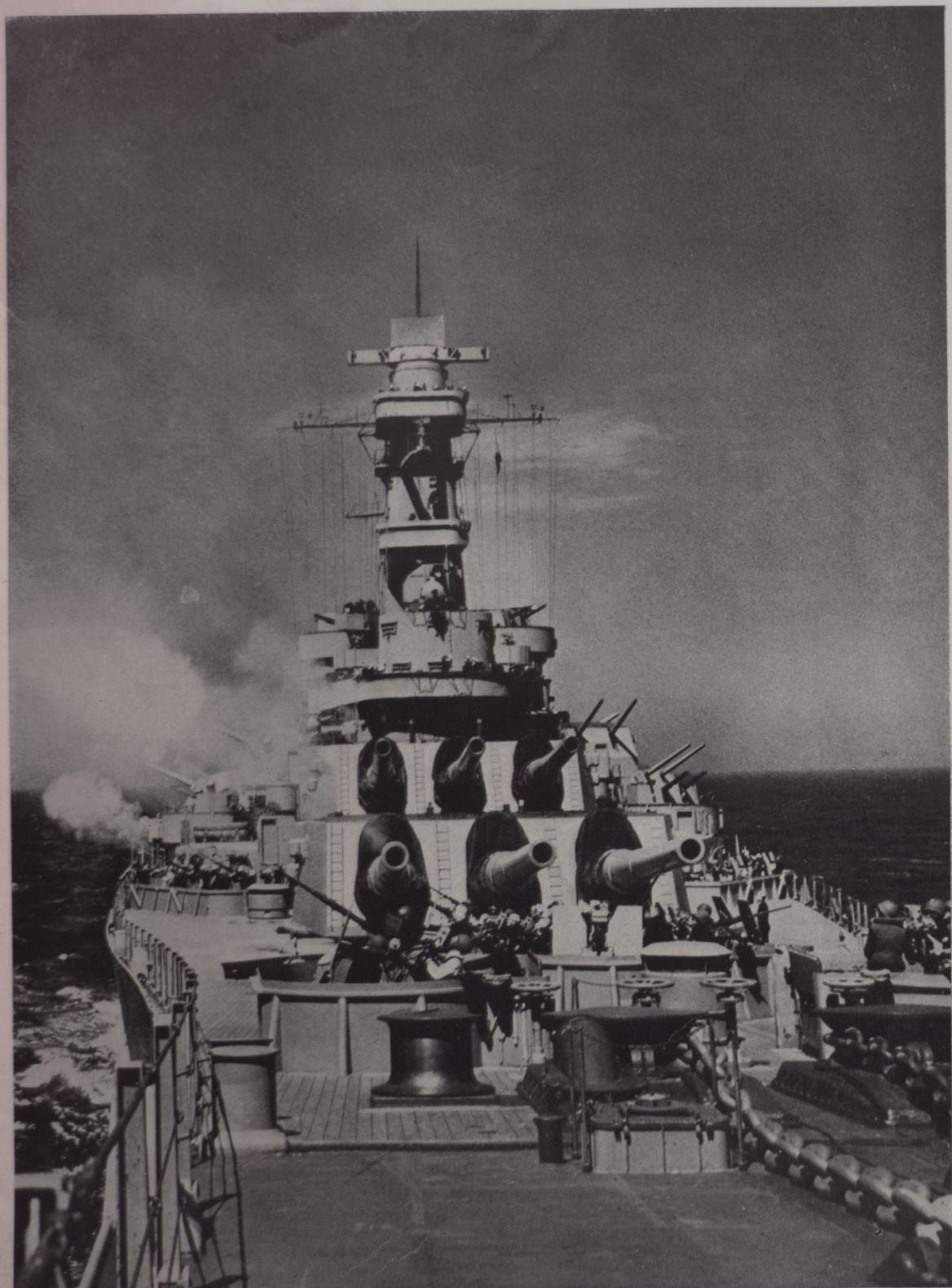
O coronel Moura selecionou quatro oficiais de rara distinção, os capitães Lafayette Cantarino Rodrigues, Joel Miranda, Fortunato Camara de Oliveira e Newton Lagares da Silva. Estes, por sua vez, escolheram cuidadosamente o pessoal restante. Feito isto, foram designados vinte elementos essenciais, dez oficiais e dez inferiores, para fazerem um curso de tática aplicada nos Estados Unidos, na Escola de Aviação de Orlando, na Florida, para se familiarizarem com os últimos conhecimentos colhidos por veteranos aviadores americanos recém vindos das frentes de batalha. Depois de uma permanência de um mês em Orlando, passaram outro mês em Gainesville, também na Florida, pondo em prática as lições que lhes haviam sido ministradas anteriormente. Esses vinte homens constituíram assim o núcleo do Primeiro Grupo de Caça designado para operações na Europa.

A última etapa

Finda a estadia que fizeram nas escolas da Florida, reuniram-se ao resto do Grupo, que se achava na base aérea dos Estados Unidos no Panamá. Ali, a unidade inteira fez quatro meses de aperfeiçoamento, em tática de combate. Findo o período, os aviadores brasileiros receberam as asas americanas. Por sua vez, os brasileiros ofereceram as asas da Fôrça Aérea Brasileira aos seus instrutores americanos. O coronel Gabriel T. Dissoway, que esteve a cargo da instrução do Grupo, foi distinguido com a grau de Comandante da Ordem do Cruzeiro. Do Panamá o Grupo de Caça brasileiro seguiu para seu adestramento, em vôo e conservação de aviões Thunderbolts, no Suffolk Field, em Long Island, Nova York. Muitos dos pilotos já tinham estado antes nos Estados Unidos, a serviço do Ferry Comando.



O sargento Amaro Mauricio da Silva (à direita), um dos mecânicos do Primeiro Grupo de Caça. Em baixo: Os mecânicos, sargentos Osmar Bittencourt Macedo e Valdemar Braga, trabalhando num dos aviões de caça brasileiros na frente italiana. Todos os oficiais aviadores e os mecânicos são graduados de escolas brasileiras e norte-americanas de aviação



Uma recente adição ao poder naval dos Estados Unidos: o super-couraçado "Iowa", armado com canhões de 16 polegadas, em exercício de tiro

UMA VITÓRIA HISTÓRICA

O RESULTADO DA BATALHA NAVAL DE HÁ MUITO ESPERADA

APÓS quasi um ano de ausência, a esquadra japonesa apareceu, afinal, num dia de junho último, para ser derrotada pelas forças navais americanas. Depois disto, desapareceu novamente, evitando a todo transe travar batalha com a esquadra dos Estados Unidos. Ia já para quatro meses que não se sabia do paradeiro da esquadra imperial.

Mas eis que, de repente, mudou a situação e o Japão foi compelido pelas circunstâncias a arriscar desesperadamente uma atitude. E' que fôrças americanas estavam voltando ao arquipélago filipino, atacando e desembarcando nas ilhas de Leyte e Samar, apoiadas por poderoso conjunto naval e aéreo. Todo o império conquistado pelo Japão corria assim iminente risco. Sua esquadra não podia mais escapar a uma prova.

Por isso, num já histórico dia de outubro, o Japão mandou o grosso do seu poder naval para entrar em ação. Do sul, do sudeste e do norte partiram numerosas unidades de sua esquadra, convergindo sobre as ilhas Filipinas, para aniquilar as fôrças americanas de libertação, desbaratar a sua concentração de transportes e meter à pique parte pelo menos da esquadra que estava já continuamente depredando as vias de comunicações marítimas japonesas em águas consideradas sob sua exclusiva dominação. A fôrça naval dos Estados Unidos que a esquadra inimiga ia dar combate constituía a

maior concentração de poder naval jamais levada a efeito no oceano Pacífico. E os japoneses iam tentar, de uma cajada, matar dois coelhos: reduzir a esquadra americana, afundando-lhe várias unidades e impedir a recaptura das ilhas Filipinas. O número total de navios que tomaram parte nesse encontro excede os 248 que participaram na batalha de Jutlândia, durante a última guerra. Somente os Estados Unidos dispunham de mais de 200 navios aguardando o maior esforço naval do Japão.

O plano de ataque

O plano japonês era atacar durante os primeiros dias da confusão natural do desembarque no ilha de Leyte, onde transportes de tropas americanas, ao largo do litoral, oferecessem um alvo fácil. A fôrça japonesa que viesse pelo extremo sul passaria pelo mar de Mindanão, com rumo ao estreito de Surigáo, para atacar a esquadra do vice-almirante Thomas Kinkaid, incumbida de proteger o desembarque. Outra fôrça, partindo do sudeste, atacaria o mesmo objetivo, mas através do mar de Sibuyan e do estreito de San Bernardino. E enquanto os aviões de base marítima da poderosa Terceira Esquadra do almirante William F. Halsey estivessem provavelmente a caminho, procedente do norte, para socorrer as fôrças americanas, uma terceira fôrça naval japonesa partiria das imediações da ilha Formosa, com rumo ao sul, afim de afundar os porta-aviões americanos então completamente desprovidos de aviões, por estarem estes empenhados em combate.

O engenhoso e complexo plano, entretanto, encontrou, logo de saída, uma dificuldade de execução: Halsey e Kinkaid já estavam, havia vários dias, esperando um ataque dos japoneses e, por isso, tinham seus aviões e submarinos em constante vigilância, em vasta área de mar, contra qualquer sinal da presença da esquadra inimiga. Era iminente um encontro.

Assim, na segunda-feira, 23 de outubro, cinco dias depois do desembarque na ilha de Leyte, aviões de observação da esquadra notaram a presença de uma esquadra japonesa composta de cinco couraçados, oito cruzadores e treze destroiers que se dirigiam à entrada a sudoeste do mar de Sibuyan, a quasi 400 milhas de Leyte.

Enquanto isso, submarinos americanos, que percorriam a parte sul do mar da China, observaram outra esquadra inimiga, constituída de dois couraçados, cinco cruzadores e sete ou oito destroiers, que pareciam procedentes de Singapura e seguiam rumo norte, para o mar Sulá. Quasi simultaneamente, de bordo de um dos aviões de observação americanos partiu o aviso da presença de quatro navios porta-aviões, dois couraçados, cinco cruzadores e seis destroiers japoneses, navegando para o sul numa rota que os



Esta extraordinária fotografia mostra o couraçado japonês "Yamato", da esquadra japonesa, ao ser atingido por bombas da aviação americana



Os porta-aviões tomaram parte importante no ataque contra a esquadra japonesa, na batalha em águas das Filipinas

Este porto japonês nas ilhas Ryukyu, ao sul do Japão, ficou reduzido a escombros depois de um bombardeio da aviação



faria passar à volta da ilha de Luzon, no extremo setentrional do arquipélago das Filipinas, descendo depois em direção à ilha de Leyte. A presença das duas forças navais inimigas procedentes do sul foi imediatamente comunicada à esquadra americana, que já aguardava notícias ansiosamente. Sem mais demora, aviões de caça, bombardeiros e torpedeiros zarparam dos porta-aviões da Terceira Esquadra para atacar. Os submarinos que tinham encontrado a força inimiga ao norte da área de Singapura entraram logo em ação, torpedeando e afundando dois cruzadores e avariando um terceiro. No mar de Sibuyan, os aviões americanos avariaram seriamente e incendiaram um couraçado e um cruzador; torpedearam e bombardearam mais três couraçados e três cruzadores, pondo à pique um cruzador ligeiro. No mar de Sulú, foram bombardeados os dois couraçados e avariados os cruzadores e destroiers.

O encontro naval

A despeito dessas avarias, a força japonesa no mar de Sibuyan conseguiu passar pelo estreito de San Bernardino, durante a noite, e na manhã de 24 de outubro abriu fogo contra a Sétima Esquadra americana. Os aviões da Terceira Esquadra reuniram-se às forças da Sétima, contribuindo para o afundamento de dois cruzadores e um destroier japonês. Depois de prolongado combate, o restante da força naval inimiga abandonou a luta, fugindo rumo a oeste, com a maioria das suas unidades avariadas.

A força inimiga ao sul, entretanto, atravessou o mar de Sulú, alcançou o mar de Mindanão e, antes do amanhecer tentava atravessar o estreito de Suriago, ao largo da costa ocidental de Leyte. Mas as lanchas torpedeiras americanas já estavam a postos. E na ocasião em que dois couraçados japoneses entravam no estreito, as torpedeiras atacaram. Alguns torpedos atingiram o alvo, mas várias lanchas foram destruídas pelo fogo do inimigo.

Prossegue a luta

A esse tempo já os destroiers americanos entravam em ação, atacando os navios que avançavam pelo estreito. Numerosos e certeiros torpedos retardaram a marcha das unidades inimigas, mas estas prosseguiram, indo, afinal, ficar ao alcance de cinco couraçados americanos que as receberam com a formidável carga de todas as suas baterias. Esses couraçados eram todos veteranos de Pearl Harbor, onde foram avariados pelos japoneses. Os couraçados americanos romperam fogo com canhões de todos os calibres, de 5 a 16 polegadas. Logo os primeiros disparos atingiram o alvo com absoluta precisão. A força inimiga, com seus principais navios em chamas, desmembrou-se, e os navios que puderam puseram-se em fuga. A esquadra americana, porém, perseguiu-os e, durante 40 minutos submeteu-os a tremendo canhoneio, sendo depois auxiliada pelos aviões de bombardeio que mantiveram inimigo em meio de um verdadeiro inferno.

Os couraçados nipões foram postos à pique e o resto da força, segundo informou o almirante Chester W. Nimitz, comandante da esquadra do Pacífico, "teve suas unidades afundadas ou decididamente fora de combate." E enquanto essas duas esquadras japonesas eram derrotadas, os aviões da Terceira

Esquadra americana iam atacar, ao norte, a terceira força inimiga. O sol despontava no horizonte quando os aviadores avistaram os 17 navios japoneses que compunham a esquadra. Seus porta-aviões estavam completamente vazios. Mais tarde verificou-se que os aparêlhos tinham deixado os navios no dia anterior, para se reabastecer de combustível na ilha de Luzon. E quando voltaram aos navios, era tarde de mais. Os bombardeiros de mergulho americanos já tinham lançado várias bombas num dos porta-aviões que também fôra atingido por três torpedos de outros aviões. Posta à pique essa unidade, os aviões concentraram sua ação contra mais dois outros porta-aviões, menores, afundando-os. Já então cruzadores americanos rompiam fogo contra o inimigo, destruindo mais outro porta-aviões e o capitânea da flotilha de destroiers, e avariando seriamente dois couraçados. Um cruzador japonês que ficara avariado foi, pouco depois, afundado por um submarino.

A Terceira Esquadra americana perdeu dez aviões, e a sua força aérea continuava a dar caça ao inimigo, quando recebeu ordem de ir reforçar o ataque da Sétima Esquadra, que ainda estava em combate com a força japonesa ao largo do estreito de San Bernardino. A ação dos aviões muito contribuiu para vitória nesse renhido encontro.

A grande batalha naval prolongou-se até o dia seguinte, 25 de outubro, quando outros navios e aviões americanos reuniram-se na perseguição aos remanescentes da força japonesa. Os Estados Unidos perderam um navio porta-aviões pequeno, três destroiers e várias unidades menores, tendo ficado avariados vários outros navios.

As perdas japonesas

Segundo informou o almirante Nimitz, os japoneses sofreram a perda de dois couraçados, quatro navios porta-aviões, seis cruzadores pesados, três cruzadores ligeiros, três porta-aviões pequenos e sete destroiers. Um couraçado, cinco cruzadores e sete destroiers ficaram tão avariados que se acredita terem afundado. Sérias avarias foram também infligidas a seis outros couraçados, quatro cruzadores pesados, um cruzador ligeiro e dez destroiers. As perdas em homens foram também bastante consideráveis.

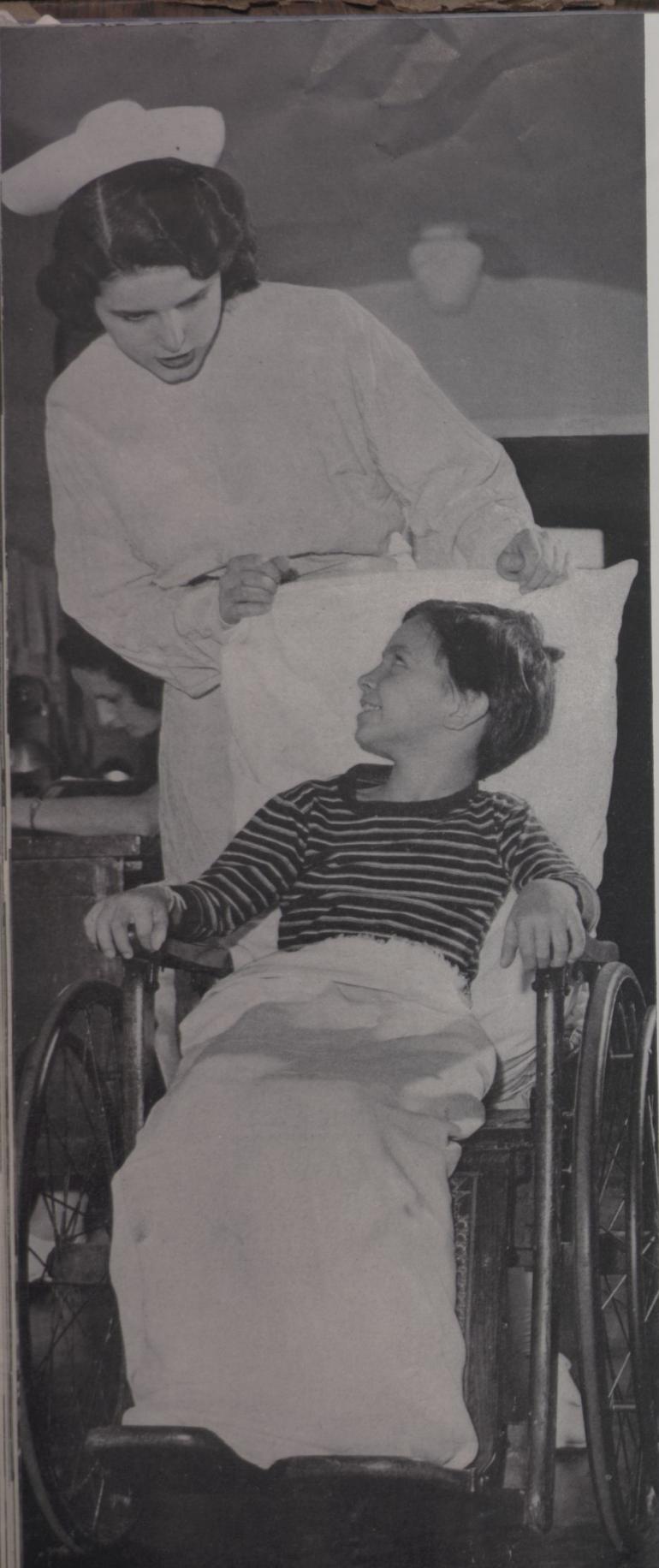
A tremenda derrota da esquadra japonesa foi a mais sensacional na história da guerra naval. Na batalha de Jutlândia o número de navios afundados e variados foi maior, mas as perdas repartiram-se quasi que igualmente entre os beligerantes.

Com a vitória de agora ficou a Marinha dos Estados Unidos, pelo menos temporariamente, com o controle dos mares circunvizinhos do Japão. O concerto dos navios japoneses avariados certamente será uma sobrecarga nos estaleiros do império durante muitos meses. Enquanto isto, a orla do seu perímetro de dominação ficará em sério perigo de isolamento, quando mais se agravam as já precárias linhas de comunicações do império, essencialmente dependente dos recursos de fóra.

A esquadra dos Estados Unidos que se encontra dando caça aos japoneses em todos os quadrantes do Pacífico é muito diferente da que existia ao tempo do traíçoeiro ataque de Pearl Harbor. Seu tremendo poder ofensivo já está sendo sentido pelo grosso do poder naval do Japão, em várias e decisivas batalhas.



Uma esteira de fumo e fogo marca o fim desse avião japonês que tentou, em vão, bombardear um porta-aviões da esquadra dos Estados Unidos



ENFERMEIRAS CADETES

MAIS DE CEM MIL CANDIDATAS JÁ SE APRESENTARAM PARA FAZER O CURSO

AMODERNA técnica médica colocou a profissão de enfermeira entre as que exigem qualificações mais rigorosas. A formação do Corpo de Enfermeiras Cadetes, nos Estados Unidos, visa solver a crise de enfermeiras em tempo de guerra de acordo com esse princípio de meticulosa habitação. É um núcleo de preparação de todas as mulheres, de 17 a 35 anos, que desejam dedicar-se aos trabalhos de enfermagem.

Mais de cem mil aspirantes já se apresentaram para fazer o necessário curso. De todas as classes sociais afue o elemento feminino ansioso de se qualificar para a nobre profissão. E, em muitos casos, circunstâncias criadas pela própria guerra têm determinado a resolução das candidatas, como o ocorrido recentemente com a filha de um senador.

Informada de que seu marido, então servindo nos campos de batalha na França, tinha sido morto em combate, ela decidiu fazer também a contribuição que estava mais ao seu alcance — ser enfermeira.

Quando os hospitais das forças armadas foram ampliados e centenas de novos hospitais foram criados para receber os feridos de guerra, esgotou-se rapidamente o número de enfermeiras diplomadas que, dos hospitais civis, passaram a trabalhar nos hospitais militares. A situação se agravou ainda em virtude da concentração de operários das fábricas de material bélico, das longas horas de trabalho e do natural estado geral de ansiedade. Agravava-se, no país inteiro, a crise de enfermeiras. Decidiu então o governo criar o Corpo de Cadetes, sob a égide do Serviço Federal de Saúde Pública, destinado a preparar as futuras enfermeiras, num curso grátis, cujo tempo de

A cadete Gene Porter fazendo seu estágio prático numa enfermaria. Ela é uma das milhares de candidatas à profissão de enfermeira

Depois de quatro meses de prática elementar, recebe seu gorro de enfermeira. Agora completará o restante do curso: dois anos e meio



duração varia de dois a três anos. As candidatas se comprometem a, depois de diplomadas, prestar seus serviços em tempo de guerra. A admissão se faz depois de rigoroso exame de capacidade intelectual e psicológica, e o curso é feito em 1.110 escolas autorizadas pelo Serviço de Saúde Pública, em todo o território da União.

Muitas jovens com vocação para a carreira de enfermeira encontram agora no Corpo de Cadetes um excelente ensaio de realizar seu desejo e, ao mesmo tempo, prestar valiosos serviços à pátria. Miss Gene Porter, cuja fotografia vemos nestas páginas, é uma dessas jovens. Muitas frequentam as escolas de enfermeiras anexas às universidades, e receberão além do diploma de enfermeira, o de bacharel em ciência.

Para alcançar esta ambicionada posição é mister, entretanto, certa preparação básica. Durante quasi todo o primeiro ano, a cadete frequenta aulas nos pavilhões hospitalares e nas clínicas, com limitada prática de enfermagem. Do curso geral, nas aulas e nos laboratórios, constam noções de anatomia, de química, microbiologia, fisiologia, terapêutica alimentar, aspectos sociais e econômicos da saúde e das doenças, farmacologia e terapêutica geral.

No segundo ano, o curso é mais prático, enquanto que no terceiro e último ano, a aspirante passa quasi todo o tempo frequentando as enfermarias e as clínicas. Nos dois últimos anos as futuras enfermeiras familiarizam-se também com a técnica operatória, assim como a com prática de enfermagem no terreno da pediatria, da obstetrícia e da psiquiatria. E uma vez aprovadas nos exames, estão habilitadas para servir nos hospitais civis ou militares.

Mas ser enfermeira nos hospitais do Exército e da Marinha não constitui o único objetivo das cadetes. Dentre elas, muitas, como a filha do senador, estão interessadas nos problemas do futuro.

"Bem sei que isto é o que meu marido desejava que eu fizesse," afirmou ela, ao iniciar o curso de enfermeira. "Ele sempre me dizia que, depois da guerra, haveria um grande trabalho de reabilitação a fazer e que, como enfermeira, eu poderia ajudar agora e depois. E assim, cumpro com um dever."

Observando uma operação de apendicectomia, no anfiteatro do hospital, habilita-se para, mais tarde, assistir nos trabalhos operatórios



Os domingos, Gene Porter passa em casa, com sua família. Mas durante os dias de semana (na gravura em baixo), também tem períodos de repouso no terraço do hospital. Vêm-la em companhia de outras colegas, também interessadas em prestar serviços numa das mais nobres profissões. Mais de cem mil aspirantes estão fazendo o curso de enfermagem



Em baixo: Assistindo uma das aulas do curso, do qual constam noções de anatomia, de química, microbiologia, fisiologia, terapêutica alimentar, farmacologia e terapêutica geral



O Maior Sucesso da Broadway



O corpo coral fazendo ouvir-se numa das belas canções que abrillantam a revista musicada "Oklahoma", um dos recentes maiores sucessos da Broadway



Tia Eller observa, com um ar de aprovação, o namoro de sua sobrinha Laurey com o vaqueiro Curly. Na gravação à direita: uma cena de baileado, no qual os dansarinos interpretam as alegrias e os pesares dos primeiros tempos da colonização de Oklahoma

NOS cartazes da Broadway, "Oklahoma" é a peça de maior sucesso desta geração. Suas canções tornaram-se as mais populares no país inteiro e entre as tropas norte-americanas nas frentes de batalha. A canção principal, intitulada "Oklahoma", que lhe serve de tema, reflete o espírito pioneiro de uma época ainda recente e das mais pitorescas da história dos Estados Unidos. A interessante revista musicada é assim um apanhado retrospectivo da vida nos primeiros tempos da colonização do território de Oklahoma, o qual, até 1889, era reservado exclusivamente para os índios.

Nesse ano, depois da notificação oficial, mais de 50.000 pessoas, procedentes de todas as partes da União, num dos maiores movimentos de transmigração, estavam a postos na fronteira ao norte do território, para entrar na posse das terras que o governo oferecia. Segundo o costume, os lotes caberiam àqueles que primeiro os alcançassem. Na manhã do dia 22 de abril, a enorme multidão, da qual faziam parte famílias inteiras, carregando todos os seus haveres, aguardava ansiosa o sinal convencionado: um tiro de peça. Havia gente de todos os matizes, em viaturas, a cavalo e a pé aguardando a oportunidade de se estabelecer na futura área de dois milhões de acres de terras, consideradas das mais ricas da região.

Ao troar do canhão verificou-se a formidável corrida dos arrivistas que buscavam a terra da promissão. Era um conjunto humanoário de idéias e de costumes, mas de sua caldeação promoveu um tipo novo, afeito às canseiras dos labores da terra, tipo vivaz e prazenteiro, mas, acima de tudo, cônico da sua própria independência. Porque, naquele tempo, na vida da fronteira não havia lugar para os fracos, os inúteis. A mulher tinha que ser robusta e forte de ânimo para arrojar o rigor dos invernos na campanha e suportar a monotonia e o isolamento de uma vida primitiva. O homem era rijo, dominado pela vontade de vencer. Não se deixava quebrantar pelos desapontamentos e dificuldades das primeiras tentativas, nem pelas imposições de longas horas de trabalho árduo. Havia, contudo, raras ocasiões nas quais aquela gente encontrava vagar para se divertir, amainando as vicissitudes da sua existência. E' uma dessas ocasiões que se desenvola em "Oklahoma", a peça levada com tanto êxito à cena em Nova York, pela Liga Teatral. Em 1907, o território foi incorporado à União, como Estado, tornando-se, no curto período de 37 anos, um dos mais ricos em agricultura e na produção pretilifera. E dentro dos seus limites ainda se encontra a terça parte da população indígena dos Estados Unidos. Oklahoma foi um dos últimos territórios a tornar-se Estado.

Na gravura em baixo: Tia Eller interrompendo um dos raros bailes realizados no povoado, para lembrar a um dos presentes que, em Oklahoma, todos devem ser bons amigos. Na cena à direita, Curly e Laurey, já casados, partem para a lua de mel





"Para estabelecer as bases sólidas da paz", os delegados dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Rússia inauguraram a conferência de Dumbarton Oaks

A PAZ INTERNACIONAL

UM PLANO DE NAÇÕES UNIDAS PARA A SEGURANÇA MUNDIAL

ENOSSEU objetivo estabelecer os fundamentos sólidos da organização da paz sem maior demora, e sem esperar até que cessem as hostilidades," declarou o Presidente Roosevelt em seu discurso, no dia da Descoberta da América, perante os representantes das nações americanas.

A guerra estava então chegando à sua fase decisiva. As forças aliadas lutavam já fronteiras a dentro da Alemanha. Aviões "superfortalezas" de longo alcance, bombardeavam a ilha Formosa, uma das mais importantes bases no perímetro interno do sistema de defesa do Japão, ao mesmo tempo que várias forças combinadas, navais e aéreas intensificavam o ataque na área das ilhas territoriais do império nipônico. Mas a vitória final, especialmente contra as armas japonesas, ainda estava em futuro distante, a exigir muitos meses de luta árdua e sangrenta.

Entretanto, quarenta e quatro nações, grandes e pequenas, intimamente ligadas no conjunto das Nações Unidas, já tinham demonstrado a sua habilidade de agir de comum acordo, cada qual fazendo a sua contribuição numa guerra de proporções universais. O hemisfério ocidental tinha feito e continha a fazer enorme contribuição. As duas maiores repúblicas americanas, os Estados Unidos e o Brasil, tinham suas tropas combatendo em território estrangeiro, nos campos de batalha na Europa.

No conjunto das Nações Unidas, governo e povo mostram-se solenemente determinados a reorganizar o mundo depois da vitória, alimen-

tando o específico objetivo de impedir outra conflagração internacional e assegurar para todas as nações e todos os povos um porvir de paz e prosperidade. Todos sabemos como fallaram os esforços feitos nesse sentido depois da primeira guerra mundial. Desta vez, porém, não falharão, por isso que representam a vontade suprema de todos os povos pacíficos do mundo. Os erros do passado serão os guias nesta nova obra de solidificação da segurança universal. Um dos erros, agora francamente reconhecidos e apontados por estadistas, foi esperar até depois da vitória para estabelecer a estrutura de uma organização destinada a garantir a paz mundial.

Garantia da paz

Por isso, o Presidente Roosevelt acentuou com a necessária ênfase que "os fundamentos sólidos da organização da paz" devem ser estabelecidos sem mais demora, "sem esperar até que cessem as hostilidades."

Aliás os planos e as discussões nesse sentido já vêm sendo, de certa data, cogitados através de conferências internacionais sobre outros assuntos vitais intimamente ligados à estabilidade da paz futura. Houve, por exemplo, a Conferência de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas, efetuada em Hot Springs, Estado de Virgínia; a reunião do Conselho da Administração de Socorro e Reabilitação, em Atlantic City, em novembro de 1943, e em Montreal, em setembro de 1944; a Conferência da Organização Internacional do Trabalho, realizada em Fila-

O plano geral

O resultado se resume no pacto proposto para as Nações Unidas, tratando da organização de uma entidade internacional projetada para evitar guerras futuras e agressão, e para guiar o mundo num rumo certo de desenvolvimento econômico e social em benefício de todos os povos pacíficos.

O projeto está agora perante os governos e os povos das Nações Unidas para estudo e discussão e ser, mais tarde, submetido à consideração de todas as Nações Unidas, em conferência. Não é

"nem completo nem definitivo," conforme lembrou o Secretário de Estado Cordell Hull. Muito ainda é preciso fazer antes de poder dizer-se que o mundo já conta com uma organização que lhe assegura a existência livre dos horrores da guerra.

Consoante o mesmo Sr. Hull, "o caminho para alcançar o estabelecimento de uma organização internacional capaz de manter efetivamente a paz universal é longo." Mas a proposta saída de Dumbarton Oaks representa um grande passo na jornada. Haverá ainda troca de ideias e pontos de vista com as repúblicas americanas e outras nações, antes da conferência internacional. Mas, dentro da estrutura da organização proposta, o sistema interamericano terá, inquestionavelmente, um papel de inestimável importância.

Nos Estados Unidos e nas demais Nações Unidas, a proposta de Dumbarton Oaks foi recebida favoravelmente, como uma aproximação progressista e realística do problema da paz mundial. Con quanto os seus termos viessem a público em meio de uma campanha presidencial norte-americana, houve especial cuidado de colocar o documento numa base acima de partidarismos políticos. O Secretário Hull comunicou-se frequentemente com os congressistas afiliados aos dois maiores partidos americanos, o Democrata e o Republicano.

A proposta, consequentemente, foi bem acolhida por ambos os candidatos presidenciais, o Presidente Roosevelt e o Governador Dewey, e pelo público em geral. Num reflexo da opinião da maior parte da imprensa, assim se expressou, em editorial, o "New York Times":

"Tempo virá em que, ou o recurso à guerra terá um termo, ou a própria civilização se exterminará. E não poderá haver melhor ocasião de pôr um termo ao recurso da guerra do que no fim do presente conflito. Esta é a significação do que foi discutido em Dumbarton Oaks. Em última análise, não é significação que interesse, particularmente, às grandes ou às pequenas nações. Interessa os indivíduos e as famílias de todas as nações que se virem vítimas dos pezões e agoniais da guerra. O destino desses indivíduos e dessas famílias e de todos os seus descendentes é que está em jôgo. Ao discutir os meios necessários, nenhum representante ou líder poderá dizer nada que valha a pena ouvir, a não ser que tenha esse fato bem gravado na mente e no coração."

Os propósitos da organização, conforme o pacto de Dumbarton Oaks, são:

1. Manter a segurança e a paz internacional

através de medidas coletivas efetivas para prevenir e remover qualquer ameaça à paz, assim como coibir atos de agressão ou outros perturbadores da paz, e levar a efeito, por meios pacíficos, a solução de disputas internacionais que possam comprometer a paz.

2. Incrementar as boas relações entre as nações, tomando as medidas apropriadas para consolidar a paz universal;

3. Conseguir a cooperação internacional na solução dos problemas econômicos internacionais, nos de ordem social e outros, de caráter humanitário;

4. Organizar um centro para harmonizar a atuação das nações na consecução desses objetivos comuns.

A organização internacional

E a seguinte a estrutura da organização:

1. Uma Assembleia Geral composta de todas as nações pacíficas para atender aos princípios gerais de cooperação na manutenção da paz e da segurança internacional, inclusive os princípios relativos ao desarmamento e à regulação dos armamentos; discutir quaisquer questões relativas à manutenção da paz e segurança internacional submetidas à mesma por qualquer dos membros da organização ou pelo Conselho de Segurança, e fazer as recomendações referentes a quaisquer de tais princípios ou questões.

2. Um Conselho de Segurança composto de onze nações, inclusive os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, China e, oportunamente, a

3. Uma Corte Internacional de Justiça, principal órgão judiciário da organização.

4. Uma secretaria.

5. Uma comissão militar composta dos chefes de estado-maior das nações membros permanentes do Conselho de Segurança, com funções consultivas em todas as questões referentes às exigências militares do Conselho para a manutenção da paz e segurança internacional, assim como à utilização e comando das forças postas à disposição do mesmo, à regulação dos armamentos e ao possível desarmamento.

6. Um Conselho Econômico e Social, composto de 16 membros escolhidos pela Assembleia Geral e responsáveis perante a mesma. Assistirão no estabelecimento de condições estáveis e na solução de problemas internacionais de caráter econômico, social e humanitário.

Para dar sanção necessária à manutenção da paz e da segurança, as nações participantes porão à disposição as forças armadas, os recursos e a assistência necessárias, conforme a solicitação ou o acordo feito para esse fim.

Além disto, as nações participantes porão imediatamente à disposição contingentes da sua força aérea para a ação combinada internacional, de modo a garantir a execução das medidas urgentes de caráter militar.

As propostas acima não impedem a realização de acordos regionais atinentes à paz e segurança internacional, desde que sejam condizentes com os propósitos e os princípios da organização já cogitada em Dumbarton Oaks. O caso das nações americanas é bem um exemplo a citar.

O Sub-secretário de Estado Edward Stettinius oferece uma recepção em honra aos delegados das nações latino-americanas, na famosa Casa Blair





A magnífica rodovia de Blue Ridge, no Estado de Carolina do Norte. Atravessa o Estado numa extensão de 800 kms., com elevação média de mil metros

RODOVIAS E PROGRESSO

O GRANDE IMPULSO QUE AO ESTADO DE CAROLINA DO NORTE DEU UM BOM SISTEMA RODOVIÁRIO



DECIDIDO a melhorar as estradas de rodagem do Estado de Carolina do Norte, seu governo, em 1921, iniciou um programa de construção cujos resultados, desde então, têm se refletido favoravelmente na situação econômica dessa unidade da Federação americana.

O efeito de boas estradas e de modernos automóveis no progresso de Carolina do Norte é similar ao que se verifica em outros Estados da União, pois todos passaram pelos mesmos períodos de transformação rodoviária. Contudo, o caso de Carolina do Norte sobressai por causa do passo acelerado com que se operou a execução do seu programa. Em vez de esperar, fazendo como alguns dos Estados vizinhos, isto é, construir à medida que lhe fosse possível pagar o custo, Carolina do Norte meteu mãos à obra em grande escala, atacando o problema de suas lamentáveis estradas, firmemente disposto a "tirar o pé da lama" com os proveitos decorrentes de tão importante melhoramento.

Um dos efeitos dessa rápida transformação foi manter-se o Estado em dia com o extraordinário progresso da indústria automobilística e com a popularidade que o automóvel foi rapidamente alcançando entre o público em geral.

E por isso, no período entre 1921 e 1930, os títulos de dívida pública estadual referentes ao programa rodoviário montaram a 115 milhões de dólares, baseada a sua liquidação nos impostos sobre a gasolina e os automóveis. Nesse mesmo espaço de dez anos, o número de proprietários de automóveis passou de 126.000 para 500.000, sendo atualmente de 623.000. São cifras que demonstram o rápido desenvolvimento do Estado do Sul, em bases sólidas e permanentes. Em 1931, o Estado tomou outra medida de grande alcance, assumindo a jurisdição de todos os sistemas rodoviários lo-

A cidade de Raleigh, a capital e um dos poucos centros industriais. Da população do Estado, 72 por cento habita a zona rural



Eram assim as estradas do Estado, há 25 anos, quando o governo decidiu modernizá-las completamente. Na gravura em baixo vê-se o resultado da transformação. As taxas sobre automóveis e gasolina deram para pagar a renovação do sistema rodoviário estadual

cais dos municípios e de distritos especiais. Tornou-se assim o primeiro Estado a assumir a responsabilidade da construção e manutenção de todas as rodovias dentro do seu território. De 1930 a 1943 mais uma verba de 110 milhões de dólares foi empregada exclusivamente nas estradas rurais.

Carolina do Norte é um Estado essencialmente agrícola, tendo apenas uma cidade de mais de 100.000 habitantes, a de Charlotte. Mas tem oito cidades cuja população vai de 25.000 a 100.000 habitantes; 42 de 5.000 a 25.000 e pelo menos 175 de 1.000 a 5.000. Da população total, mais de 72 por cento habita a zona rural. Foi, portanto, nesse numeroso núcleo da população do interior que se fizeram sentir as vantagens das modernas vias de comunicação. O sistema rodoviário não somente facilitou a pronta colocação nos mercados consumidores de tradicionais produtos da lavoura, como libertou o agricultor dos inconvenientes da monocultura. Em muitas áreas onde antes só se cultivava algodão ou fumo, proliferou o cultivo de frutas, de flores, de legumes e tantos outros produtos de rendosa aceitação.

Uma nova era

Com o melhoramento das estradas, toda a zona rural do Estado ficou entrecortada de magníficas vias de comunicação, trazendo para a lavoura em geral uma nova era de grande desenvolvimento. A produção aumentou consideravelmente em todos os setores de atividade agrária e o Estado aproveitou a oportunidade para fomentar, sob novos métodos, o interesse pelo trabalho da terra. Formaram-se numerosos clubes agrícolas, nos quais jovens de ambos os sexos passaram a ter ativa participação, aprendendo e praticando sob a direção de especialistas contratados para fazer demonstrações de grande resultado. Carolina do Norte transformou-se no Estado cujos clubes agrários têm o maior número de associados, em proporção com a sua população. Os certames agrícolas tornaram-se comuns, e as feiras ganharam grande popularidade, pois, com a facilidade proporcionada pelas rodovias, a locomoção não teve mais obstáculos. A indústria pastoral também se beneficiou imensamente desse progresso, animando os criadores a mais





Havia antes no Estado de Carolina do Norte muitas localidades "perdidas", pela falta de boas vias de comunicações. Hoje os criadores de gado atendem facilmente às várias feiras da próspera indústria pastoral



Uma das modernas escolas-modelos do Estado. Neles se desenvolve cada vez mais a educação popular



vastos empreendimentos. O governo criou fazendas modelos, administradas com o principal objetivo de dar a todos os interessados os melhores conhecimentos sobre os métodos mais modernos.

Dentro de um decênio, o número de fazendas completamente equipadas com eletricidade, em todos os Estados Unidos, aumentou de 200 por cento; em Carolina do Norte, o aumento foi de 600 por cento e, agora, 32.4 por cento das fazendas do Estado são eletrificadas, fato que bem demonstra o seu progresso na agricultura e indústrias correlatas.

Rodovias e educação

Em terreno algum se manifesta maior influência das boas rodovias do que no da educação. As escolas regidas por um só professor, na zona rural do Estado, quasi já desapareceram completamente, sendo substituídas pelas modernas escolas modelos, os grupos escolares onde se dissemina com mais vantagem a instrução popular. Aqui, mais uma vez, o Estado de Carolina do Norte se destaca por ter o maior número de auto-ônibus no serviço de transporte de alunos de escolas públicas.

E' atualmente muito comum ver-se quasi no centro de plantações de milho, enorme área onde se ergue magnífico e moderno edifício escolar, em cuja frequência há alunos que vivem a 45 quilômetros de distância. Verifica-se, pois, como

Modernos auto-ônibus fazem atualmente o transporte de alunos de todos os pontos do Estado para as suas escolas. Mais de cinco mil ônibus conduzem diariamente os alunos das paragens mais remotas

o incremento da agricultura concorre para o desenvolvimento da instrução. O curso das antigas escolas públicas estaduais que, há 25 anos, era de onze anos letivos de seis meses, agora é de doze anos letivos de nove meses.

Assim, com melhores e mais amplas escolas, dotadas de maiores recursos e de corpo docente mais numeroso e mais habilitado, a formação do povo lucra continuamente.

Cumpre notar ainda que o desenvolvimento rodoviário no Estado tem influído para que sua vida não se desloque violentamente para os grandes centros urbanos. E' que, com as mais longínquas regiões cada vez mais acessíveis, as pequenas vilas cresceram com as suas vizinhas, não havendo, nessa transformação, o predomínio absoluto da metrópole. Não mais foi indispensável que novas indústrias se instalassem unicamente ao longo da margem dos rios ou das vias férreas como únicos meios de garantir fácil transporte.

Maior área para todos

Em período de tempo relativamente curto, pequenas fábricas surgiram ao longo das rodovias, espalhadas em inúmeras localidades de todos os tamanhos. O crescimento industrial faz-se, portanto, em sentido horizontal, cobrindo áreas que, de outro modo, ficariam esquecidas na marcha do progresso.

Carolina do Norte é um Estado grande, medindo a sua linha aérea, de um extremo a outro, 805 quilômetros. Em 1920 tinha várias "regiões perdidas", isoladas, de difícil acesso, por causa de más estradas que as conservavam em perene estagnação espiritual e econômica. Na zona do nordeste, era mais fácil para seus habitantes irem às compras na cidade de Norfolk, no vizinho Estado de Virgínia, do que no seu próprio Estado. A sua cidade de Murphy estava mais ao alcance das capitais de sete outros Estados do que da capital de Carolina do Norte.

Mas com o advento das boas estradas, essa unidade da federação norte-americana experimentou um novo senso de vizinhança. O perímetro normal de um vizinho, de quinze quilômetros que era, passou a ser de até oitenta. Não foi mais esforço sobrehumano ir das montanhas às praias, durante as férias.

As facilidades rodoviárias trouxeram ainda para o Estado excelentes negócios com o desenvolvimento do turismo. No seu território encontram-se as montanhas mais altas da região oriental do país e, na sua costa, as praias mais agradáveis, centros ideais de atração de forasteiros procedentes de todos os Estados da União.

Tendo já se certificado das benções da facilidade de comunicações, o Estado avança cada vez mais, consolidando sua posição entre os mais progressistas. Encampou todas as pontes particulares, tornando-as de trânsito livre, sendo atualmente de 18.200 pontes o total que serve à sua rede rodoviária numa extensão de 97.000 quilômetros, cruzando o Estado em todas as direções, numa circulação de vida e progresso.

Seria exagero afirmar que o Estado de Carolina do Norte deve unicamente ao melhoramento de suas estradas a era de progresso que o coloca entre as principais unidades agrícolas e industriais da nação. O fomento agrário tomou vulto através de outros fatores. E a reforma educacional precedeu o programa rodoviário. Não obstante, foi com o advento das boas estradas que as atividades em vários e diferentes setores puderam se desenvolver livremente, contando com o grande e indispensável elemento edificador do progresso — boas vias de comunicações.



Chapéus Panamá, cuja verdadeira procedência é o Equador. Aqui vemos parte da sua manufatura, nas províncias de Azuay e Cañar, na encosta dos Andes

CHAPÉUS PANAMÁ

No fim do século passado, a construção do canal do Panamá atraiu ao istmo centenas de visitantes, das outras repúblicas americanas e da Europa. E quando voltavam às suas terras, não somente elogiavam a grande obra de engenharia, como se referiam com particular interesse a um novo tipo de chapéu que parecia ser o ideal para os climas quentes. E porque o Panamá era então a grande vitrina onde se podia ver o chapéu, este ficou sendo conhecido por chapéu Panamá, muito embora fosse o Equador o seu maior produtor, vindo-lhe a seguir a Colômbia e o Peru. A fina qualidade e grande utilidade do chapéu grangearam-lhe imensa popularidade no mundo inteiro, especialmente nos Estados Unidos, onde se tornou o "chic" para milhares de apreciadores durante a temporada do chapéu de palha, de 15 de maio a 15 de setembro.

A grande demanda dos chapéus encorajou os produtores equatorianos a atingir o máximo, desenvolvendo consideravelmente a sua rendosa indústria. Agora, mais de 200.000 pessoas, somente nas províncias de Azuay e Cañar, trabalham, nas horas vagas, na manufatura de "Panamás", perfazendo setenta e cinco por cento da produção mundial desses chapéus. A maior zona produtora do Equador é apenas um pequenino ponto no mapa, situado a um grau ao sul da linha equatorial, entre as encostas da majestosa cordilheira dos Andes e a imensidão das águas do Pacífico. Ali, na parte meridional da província de Manabí e ao norte da província de Guayas, cresce uma palmeira de finíssima qualidade, sendo por isso a única fibra dos genuínos chapéus Panamá. O ar quente das planícies ao elevar-se nessa região montanhosa se condensa a um ponto ideal de

Numa últimas fases do acabamento chapéus são lavados com uma solução de enxofre para clarear



A manufatura dos chapéus é uma verdadeira arte. Mais de 200.000 pessoas dedicam-se ao trabalho



A melhor fibra para os chapéus é a que se encontra em Manabí e Guayas





Os efeitos da guerra: com o chefe da família na frente de batalha, a mãe norte-americana assume todas as responsabilidades para com os filhos

Muitas mães trabalham nas indústrias bélicas, contribuindo efetivamente para aumentar a produção de armas e munições que apressarão a vitória



AS QUE ESPERAM EM CASA

ANSIEDADE daqueles que, nos Estados Unidos, aguardam notícias de entes queridos que estão nas frentes de batalha, bem revela um dos aspectos característicos do estado de guerra. Há sempre um interesse novo em cada caso, mas em todos sobressai a resignação dos que sentem os pesares da ausência, mas bem compreendem as imposições das circunstâncias.

O que se pode observar num simples quarteirão de arrabalde na capital americana, é um reflexo do que ocorre, nesse sentido, em todo o país, numa das faces mais impressionantes da segunda guerra mundial.

O dia é de sol e o correr de pequenas casas de residência que se alinharam destacando-se entre os arbustos dos jardins mal diz, na tranquilidade aparente, o muito de atividade doméstica que se registra portas a dentro. Os afazeres caseiros, entretanto, se mesclam com as preocupações de esposas, mães e noivas que não cessam um só momento de alimentar a esperança que mais as anima — a de receber notícias, boas notícias. Esta é a grande ansiedade.

Há, por exemplo, o caso da esposa de um oficial ora numa das frentes de batalha no Pacífico. Com mal contida ansiedade corre, no jornal da manhã, a lista oficial das baixas sofridas naquela setor da guerra. Na casa vizinha, uma jovem esposa, que adotou uma criancinha depois que seu marido seguiu para a África do Norte, aguarda o carteiro — e sempre o faz com uma carta pronta para ser posta no Correio, mesmo que não receba carta alguma.

Nas casas em frente, a esposa de um oficial aviador está ao piano aprendendo mais uma nova canção popular, do gênero que seu marido aprecia. A melodia é viva e a letra alegre. Mas há um ritmo que lembra coisas distantes, que traz saudades, melancolia.

Na casa da esquina, suas janelas cerradas completam o ar de profunda ausência que a envolve. Sua moradora, outra jovem esposa, dias antes partiu, com o filhinho para a costa do Pacífico, na esperança de poder estar perto do marido, oficial de Marinha.

A frente doméstica

As esposas da guerra não recebem medalhas. Não têm oportunidade de ver terras estranhas nem o ensejo da camaradagem dos grandes grupos que animam a alegria da convivência e abatem os pesares das vicissitudes. Também não experimentam os horrores das batalhas. Mas, não obstante, têm a sua parte na luta, cada uma combatendo contra a solidão, reagindo contra o receio e enfrentando estoicamente suas novas responsabilidades.

Toda a sua vida agora gira em torno de um fator cuja importância nunca foi antes por elas reconhecida com tanta exatidão — a correspondência epistolar. Certo, quando noivas e mesmo depois de casadas ninguém lhes poderia enaltecer mais e melhor o valor de uma carta, que tanto lhes falava ao coração. Depois da guerra, entretanto, a carta passou a ter uma significação especial, única. Num simples pedaço de papel se resumem agora grandes esperanças e ansiedades, indizíveis alegrias e profundas preocupações. A chegada do carteiro é como que um novo capítulo que vem marcar a vida da esposa de um combatente. Do conteúdo de uma carta depende a sequência de bons ou maus dias, conforme forem as suas notícias, curtas, às vezes, longas frequentemente, mas sempre repassadas de um senso de indagação sobre o dia de amanhã. A guerra que causou a separação, também motiva, paradoxalmente, uma união profundamente radicada, porque é uma união do pensamento.

Dessarte, uma nova existência se estabelece num constante trocar de cartas. Mas nem tudo são só pesares e angústias, porque a alma humana também se sobrepõe aos males terrenos, mesmo nas horas de maior amargura. Reina sempre suprema a esperança de melhores dias.

E, pois, confiantes, que as esposas esperam, e enquanto esperam, solvem da melhor maneira seus problemas domésticos. Com a escassez de criados, por causa da guerra, a esposa do combatente multiplica-se nos trabalhos caseiros; torna-se cozinheira, lavadeira e jardineira, mas sem sacrificar seu zelo de mãe, extremosa e dedicada, inexcedível quando vê em risco a saúde dos filhos.

As finanças da família também absorvem suas melhores cogitações, por isso que, com a guerra, vivem com menos recursos e maiores despesas. As refeições são cuidadosamente planejadas, levando em conta as restrições impostas pelo racionamento e a carência mesmo de muitos gêneros alimentícios. Os meios de transporte representam outro problema. Se antes dispunham de automóvel, este, igualmente, tem seu uso restrito porque não há mais tanto combustível. A gasolina está na lista

das rações. A solução é valer-se dos bondes, dos auto-onibus ou andar a pé. Às vezes toma mais precioso tempo, altera todo o programa de um dia, mas — é a guerra. A dona de casa espera confiante. Melhores dias virão. O pior já está passando.

Aquelas que moram nesse quarteirão de Washington encaram de bom humor seus problemas pessoais. Riem-se de tais preocupações. Mas somente quanto a esses problemas. De suas outras ansiedades pouco falam, ou melhor, quasi nunca falam. Algumas visitam-se de vez em quando, procuram se distrair jogando cartas, ou vão a um cinema. Outras bordam ou costuram, e outras ainda procuram dormir cedo, por não suportarem a solidão que reina em casa. Mas todas leem e relêem suas cartas recebidas, como que tentando adivinhar o que possa existir nas entrelinhas.

Muitas encontram trabalho na indústria de guerra, reunem-se às atividades da Cruz Vermelha ou de outras instituições dedicadas a minorar o fardo dos que combatem, em terras distantes. Para todas elas, a guerra criou um novo ambiente, no qual todas se consagram ao dever de enfrentar as dificuldades como enfrentam a separação: resignadas mas ativas. E para isto também é preciso coragem.

Esperar confiando

A esposa do capitão que está no Pacífico, por exemplo. Como consegue dominar suas emoções e conservar-se sempre de boa aparência, a despeito dos seus encargos? Confiança, confiança em si mesma e no seu futuro. Banha o filhinho de dez meses, que o pai ainda não viu; conta histórias alegres a respeito do pai à filhinha de seis anos; beija com um sorriso comunicativo outra filhinha, de dois anos, que mal sabe andar. Sente-se, enfim, confiante, certa de que o marido volta. Sente a sua ausência, mas se regozija com a alegria do regresso.

Mas aquelas seis semanas de tremendo combate em Saipan e Tinian, onde se achava o marido, causaram-lhe profundo abatimento. Todos os dias corria o jornal, mudou de ansiedade, sofregamente. E quando soube que ele fôr condecorado com a medalha "Coração Púrpura", teve um alívio. Era a medalha concedida aos feridos em combate. Estava vivo. Seu jovem esposo, antes da guerra, era advogado. Filho de um coronel da Infantaria de Marinha, escolheu a mesma corporação. Quanto à ela, bem sabia o que eram as preocupações de ausência numa família

(Continua)



As mulheres, cujos maridos deixaram os arados para pegar em armas, prestam serviços na lavoura, trabalhando no campo e atendendo às colheitas



As cartas trazendo notícias dos maridos que estão nas frentes de batalha constituem o assunto predileto entre as esposas que esperam ansiosas



Depois de ter tido alta do hospital, onde estivera em tratamento de ferimentos recebidos na campanha italiana, este veterano regressa ao lar, em companhia da esposa. Em baixo: A noiva de um combatente presta serviços na "gare" da cidade de Filadélfia, dirigindo a locação de auto-taxis para os passageiros



de militares. Seu pai era oficial da Armada. Era uma velha tradição.

Sua vizinha, cujo marido, oficial da reserva, foi chamado ao serviço ativo, deixou o emprego que tinha e mudou-se para Washington, afim de estar perto dele. Mas depois de alguns meses, foi transferido, e ela preferiu permanecer na capital indefinidamente. Pouco depois, o esposo seguiu para o estrangeiro. Seria uma ausência prolongada. Por isso procurou trabalho novamente e ofereceu parte de sua residência a duas outras esposas de militares que não conseguiram encontrar casa na superlotada capital americana. Depois, adotou uma criancinha e preferiu dedicar-se novamente ao seu lar, quando as duas amigas mudaram-se, por conveniência de seus afazeres, em Estados vizinho.

Suas cartas ao marido não mais refletiam as preocupações de uma mulher que procurava fôr um trabalho que mais se adaptasse ao seu temperamento. O desejo do casal, de adotar uma criança tinha, final, se realizado. Agora ela encontrava motivos bastantes para escrever ao marido sem insistir muito nos pesares da ausência. Ambos deviam manter um ânimo forte em face da imperiosa separação. Assim, escrevia já como a mãe carinhosa, orgulhosa de transmitir ao marido todas as impressões dos seus encargos maternos. Ele também compreendia a situação e alegrava-se de saber que já tinham "uma criança em casa". E animava-a, em suas cartas, referindo-se ao presente e antecipando o futuro sem maiores lamentações pela separação que a guerra lhes impunha. Ambos cultivavam, pois, uma filosofia sadia, construtiva e verdadeiramente humana.

Na casa da esquina, uma jovem recém-casada com oficial da Reserva Naval, a princípio não pensou em se mudar, quando ele foi chamado ao serviço ativo. Mas, poucas semanas depois, resolveu aceitar o emprego que ele tinha, como agente de uma empresa manufatureira. Chamou uma ama para o filho e começou a trabalhar. Veio então a grande separação. O marido recebeu ordem de embarque. Ela não pôde se conformar de continuar na mesma casa onde tinham passado dias tão felizes. Vendeu-a e procurou mudar de ambiente. Era assim uma forma de resolver o problema. Adaptou-se às novas condições da melhor maneira que pôde, continuou trabalhando e esperando, ainda com maior confiança.

Estes são apenas alguns casos típicos que encerram as lições da guerra para aquelas que ficam, para as dedicadas companheiras que partilham das angústias causadas pela convulsão da vida em toda parte, quando a nação passa do tranquilo ritmo da paz para o aceleração da guerra.

Uma consultora atende aos problemas pessoais de uma operária da indústria bélica. Esse é um serviço social criado especialmente, durante a guerra



São das seguintes procedências as fotografias publicadas neste número: Capa e contra-capas, respectivamente, James H. Burdett (de Guillumette) e Acme; capa e contra-capas interior, respectivamente, PA, e Int. Páginas do texto: 1, Copyright Persie, 2, Acme, PA, 3, PA, Int., 4, Int., Acme, 5, Pix, Inc., 6, PA, Acme, 7, Acme, 8, Acme, PA, Int., 9, PA, 10, Springfield (CAI), 11, Ivan Dimitri, Fisher (CAI), 12, CAI, 13, CAI, 14, PA, 15, Int., Acme, 16, PA, Int., Acme, 17, Int., 18, Keystone View Co., Int., 19, Harris & Ewing, Keystone View Co., Corpo de Sindicatos, 20, N.C. State College, 21, 22, 23, Alan Fisher (CAI), 24, Acme, 25, Int., 26, Int., Acme, 27, Marinha dos EUA, 28, 29, EpG, 30, 31, Eileen Darby (Graphic House), 32, Int., 33, CAI, 34, N.C. State College, Keystone View Co., 35, N.C. State College, 36, Hemmer, N.C. State College, 37, Springfield (CAI), 38, Davidson (de Monkmyer), 39, Acme, By-Line Inc., 40, PA, Harris & Ewing, Monkmyer. Abreviaturas: CAI, Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, Int., International, EpG, Epoca (de Monkmyer), 39, Acme, By-Line Inc., 40, PA, Harris & Ewing, Monkmyer.

Com o beijo tradicional, este casal de ansiões franceses manifesta ao soldado norte-americano toda a sua alegria por ter sido libertado do jugo alemão.